

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

PAULA BRASIL

**O BIBLIOCAUSTO NAZISTA:**  
A DESTRUIÇÃO DE LIVROS JUDAICOS DURANTE O TERCEIRO REICH

Porto Alegre  
2016

Paula Brasil

**O BIBLIOCAUSTO NAZISTA:**  
A DESTRUIÇÃO DE LIVROS JUDAICOS DURANTE O TERCEIRO REICH

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Marlise Maria Giovanaz

Porto Alegre  
2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora: Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretor: André Iribure Rodrigues

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefe: Moisés Rockembach

Chefe substituto: Valdir José Morigi

**COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Coordenador: Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Coordenador substituto: Jackson da Silva Medeiros

CIP - Catalogação na Publicação

Brasil, Paula

O bibliocausto nazista: a destruição de livros judaicos durante o Terceiro Reich / Paula Brasil. -- 2016.

80 f.

Orientador: Marlise Giovanaz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Destruição de livros. 2. Judaísmo. 3. Nazismo. 4. Terceiro Reich. 5. Censura. I. Giovanaz, Marlise, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Departamento de Ciências da Informação**

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Bairro Santana, Porto Alegre, RS

CEP:90035-007

Telefone: (051) 3308-5067

E-mail: [fabico@ufrgs.br](mailto:fabico@ufrgs.br)

Paula Brasil

**O BIBLIOCAUSTO NAZISTA:**  
A DESTRUÇÃO DE LIVROS JUDAICOS DURANTE O TERCEIRO REICH

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aprovado em: 01 de julho de 2016

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Marlise Maria Giovanaz – UFRGS  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lizete Dias de Oliveira – UFRGS  
Examinadora

---

Prof. Esp. Jorge Eduardo Enriquez Vivar – UFRGS  
Examinador

## AGRADECIMENTOS

*Primeiramente queria agradecer às duas pessoas que cultivaram em mim o amor pelos livros: minha vózinha Iara e minha tia Kátia. Foram as duas pessoas da família que vibraram com a minha escolha de curso e de profissão, por já entenderem um pouco sobre a magnitude da Biblioteconomia. Quis a vida que vocês não estivessem mais aqui nesse momento tão importante para mim, mas onde quer que estejam, saibam que sou eternamente grata por tudo!*

*À minha mãe, meu pai e minha irmã, por serem minha base e por sempre acreditarem em mim e nas minhas escolhas.*

*À Luiza, que me acompanha desde a infância, que esteve comigo em momentos importantes ao longo da minha vida, e que tem um dedinho no meu nome no listão de 2012. Muito obrigada por sempre!*

*À Andréia, que foi a primeira pessoa da faculdade com quem conversei e à Ana Cláudia, a segunda. Minhas primeiras amigas da UFRGS, que foram muito importantes na construção do meu empoderamento, que se mostraram sempre prontas para me amparar, para tomar um café (ou uma cerveja), e principalmente para dar risadas. Sem palavras para nós três! Obrigada!*

*À minha orientadora maravilhosa, Professora Marlise, cuja maneira de dar aula me inspirou a querer procurar um tema de TCC que me permitisse ter também o brilho nos olhos. Por aceitar trilhar esse caminho junto comigo e me ajudar a construir um trabalho tão legal, muito obrigada!*

*Às melhores chefes que já tive: Fabiana Freitas, Fabiana Dupont, Paula Fedatto e Livia Job. Por serem bibliotecárias que me inspiram e por compartilhar seus conhecimentos comigo. Obrigada por todo o aprendizado, que foi além da Biblioteconomia!*

*À Dani, minha poetisa. Por ser sempre minha apoiadora, por confiar em mim e por dividir as preocupações, tristezas, alegrias e aspirações comigo de uma maneira tão singular e carinhosa. Obrigada Danica!*

*Ao Uiliam, por ajudar a “puxar o carro”, por dividir não só os lanches na faculdade, mas também ambições e anseios, por ser a pessoa que eu posso falar de Biblioteconomia por horas e também sobre qualquer besteira. Valeu por tudo, cabeça, agora o mundo é nosso!*

*Às minhas queridas Marina e Carol, que ao final do curso entraram na minha vida e a deixaram muito mais colorida. Pelo apoio, pelas risadas, e pelo imenso carinho, muito obrigada!*

*Agradeço à UFRGS por me proporcionar tanto aprendizado e por ter me trazido tantas pessoas maravilhosas!*

*"Nos tempos antes de Cristo, havia uma ave estúpida chamada Fênix que, a cada cem anos, construía uma pira e se consumia em chamas. Deve ter sido prima-irmã do homem. Mas, toda vez que se queimava, ressurgia das cinzas e novamente renascia. E parece que estivemos fazendo e refazendo inúmeras vezes a mesma coisa, só que com a vantagem que a Fênix nunca teve. Nós sabemos a estupidez que acabamos de cometer. Conhecemos todas as coisas estúpidas que estivemos fazendo nos últimos mil anos. Desde que não esqueçamos disso, que sempre tenhamos algo para nos lembrar disso, algum dia deixaremos de construir as malditas piras funerárias e de saltar dentro delas."*

*Fahrenheit 451, Ray Bradbury.*

## RESUMO

Analisa a destruição de livros judaicos realizada pelos nazistas durante o Terceiro *Reich*. O método utilizado para a realização do presente trabalho foi o da pesquisa bibliográfica. Investiga o povo judeu desde o surgimento da religião, a expulsão de sua terra seguida da dispersão dos mesmos pela Europa e a situação pela qual passaram na Alemanha no período entre guerras. Descreve o contexto histórico e político alemão durante o estabelecimento da República de Weimar e como a crise econômica abriu caminho para a ditadura nazista. Fala sobre o surgimento do partido nazista, sobre a construção da sua ideologia e sobre a sua chegada ao poder. Sonda a maneira e os meios utilizados para a criação e a propagação do antissemitismo na Alemanha, explicando como foi possível o preconceito contra os judeus ter tomado tamanha proporção. Conceitua a censura mostrando a como a principal ferramenta de controle utilizada principalmente pelos regimes políticos ditatoriais. Aponta o início das queimas de livros na Alemanha, sob a organização de estudantes, mostra como o Ministro da Propaganda Joseph Goebbels aprovou e incentivou fortemente os atos, e o que a queima representou para as bibliotecas públicas e privadas e para os bibliotecários do país. Apresenta o Ministro Rosenberg e sua operação oficial de saques e destruição de livros realizados nos territórios ocupados pela Alemanha durante o Terceiro *Reich*. Destaca os casos dos Sudetos, Polônia, Países Bálticos e União Soviética, que são os quatro territórios que mais sofreram com a violência e a perda de seu patrimônio cultural pelos nazistas.

**Palavras-chaves:** Destruição de livros. Judaísmo. Nazismo. Terceiro Reich. Censura



## ABSTRACT

It analyzes the destruction of the Jewish book held by the Nazis during the Third *Reich*. The method used to carry out this work was the bibliographic research. Investigates the Jewish people since the rising of the religion, the expulsion from your home land and their dispersion by the Europe and the situation they passed in Germany in the interwar period. Describes the German historic and political context during the establishment of Weimar's Republic and how the economic crisis opened the gates to the Nazi dictatorship. It talks about the rise of the Nazi Party, about the construction of their ideology and their coming to power. Probe the way and the means used to create and to spread the anti-Semitism in Germany, explaining how it was possible that the prejudice against the Jews have taken such proportions. It conceptualizes the censorship showing it as the main control tool used mainly by the dictatorial political regimes. Points to the start of the book burnings in Germany, under the organization of students, shows how the Minister of Propaganda, Joseph Goebbels, approved and strongly encouraged the acts, and what the burning represented for the public and private libraries and for the librarians of the country. It introduces the Minister Rosenberg and his official operation of loot and destruction of books held in territories occupied by Germany during the Third *Reich*. It highlights the cases of Sudeten, Poland, the Baltic States and the Soviet Union, which are the four territories that suffered most with the violence and the loss of their cultural heritage by the Nazis.

**Keywords:** Book destruction. Judaism. Nazism. Third Reich. Censorship

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Estudantes alemães e Nazistas saqueando a biblioteca do Dr. Magnus Hirschfeld, Diretor do Instituto de Pesquisa Sexual de Berlim.....	42
<b>Figura 2</b> – Estudantes retirando os livros dos caminhões para jogá-los nas piras. .	43
<b>Figura 3</b> – Joseph Goebbels discursando em frente a Opernplatz em 10 de maio de 1933. ....	44
<b>Figura 4</b> – Estudante alemão atirando livros ao fogo .....	46
<b>Figura 5</b> – Alemães fazendo a saudação à Hitler em frente aos livros queimados em Opernplatz. ....	47
<b>Figura 6</b> – Mapa que mostra as operações do ERR.....	56
<b>Figura 7</b> – ERR avaliando livros na Letônia.....	67
<b>Figura 8</b> – Transporte dos arquivos de Smolensk. Vilna, abril de 1943.....	67
<b>Figura 9</b> – Trabalho do ERR em YIVO na seleção de livros. Vilna. Abril de 1943..	68
<b>Figura 10</b> – Uma coleção de livros em uma sinagoga em Minsk. Maio de 1943.....	70

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
1.1	JUSTIFICATIVA .....	13
1.2	PROBLEMA .....	14
1.3	OBJETIVOS .....	14
1.3.1	Objetivo geral .....	14
1.3.2	Objetivos específicos.....	14
<b>2</b>	<b>CONTEXTO HISTÓRICO E APONTAMENTOS TEÓRICOS</b> .....	<b>15</b>
2.1	O JUDAÍSMO .....	15
2.2	A VINDA DO TERCEIRO REICH.....	20
2.3	O NAZISMO .....	24
2.4	A PROPAGANDA CONTRA OS INIMIGOS.....	28
2.5	CONCEITUANDO A CENSURA .....	33
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>37</b>
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	37
3.2	COLETA DE DADOS .....	37
3.3	ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS CONTEÚDOS .....	39
<b>4</b>	<b>DA CENSURA À QUEIMA DE LIVROS NA ALEMANHA NAZISTA</b> .....	<b>40</b>
4.1	BIBLIOTECÁRIOS ALEMÃES: COLABORAÇÃO OU COERÇÃO?.....	48
<b>5</b>	<b>O AVANÇO NAZISTA NA EUROPA E AS PILHAGENS</b> .....	<b>52</b>
5.1	OS SUDETOS.....	56
5.2	POLÔNIA .....	57
5.3	PAÍSES BÁLTICOS.....	62
5.4	UNIÃO SOVIÉTICA .....	68
5.5	DEPOIS DA GUERRA.....	71
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>73</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>76</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O livro é o objeto mais conhecido de disseminação de conhecimento até os dias de hoje. Em seus diversos tipos de suporte, tem como função ser o receptáculo de informações, sendo responsável também por difundi-las. Através deste constante registro que a sociedade realiza, os livros acabam se tornando também guardiões da memória e são indispensáveis para a renovação do conhecimento e para a construção e registro da história.

Por ser o livro um instrumento de poder, ele é sempre um alvo certo de regimes ditatoriais. Através da censura, seja ela, velada ou explícita, são realizadas tentativas de controle desse conhecimento. Pode ocorrer de maneira “pacífica”, sendo feita através de ordens de proibição da circulação de determinado conteúdo, ou de maneira violenta, como por exemplo, a destruição física do livro. Em ambas a intenção é a mesma - evitar a disseminação de informações indesejadas por quem está no poder.

O presente trabalho foi criado com o propósito de investigar a censura exercida por um dos regimes ditatoriais mais conhecidos da história: o nazismo. Esse regime político, que teve como autoridade máxima Adolf Hitler, era baseado em idéias coletivistas e nacionalistas, onde doutrina estabelecia que acima de tudo, se pensasse no bem da nação e de seu líder, excluindo qualquer pensamento centrado no indivíduo.

Tendo em vista esse cenário, o indivíduo que não era germânico acabava sofrendo com preconceito. Por causa disso, diversos grupos étnicos começaram, a ser estigmatizados pela Alemanha, dentre eles, os judeus foi o maior. Devido a sua história, em muitos pontos da Europa, eles nunca foram considerados compatriotas, mas sim, como um povo estrangeiro. Na Alemanha não foi diferente. Porém com o nazismo, esse preconceito tomou proporções gigantescas e o povo judeu passou a ser odiado e visto como inimigos por grande parte da população alemã.

Dentro desse paradigma, o trabalho tem como tema principal o bibliocausto nazista. De acordo com Houaiss (2010) a palavra holocausto significa sacrifício através do fogo. O bibliocausto denomina, especificamente, a queima de livros. Ou seja, veremos então as queimas de livros de autoria judaica (de todas as áreas do conhecimento) que ocorreram durante o Terceiro *Reich* sob responsabilidade dos

nazistas. Para que fosse possível analisar esse fenômeno, que ocorreu entre 1933 e 1945, foi necessário construir um referencial teórico cujo conteúdo desse a base para o entendimento de todo o processo social que cercou e conseqüentemente consolidou esse fato.

Por isso, o trabalho está dividido em seções que abordam as seguintes linhas de conteúdo: os judeus, sua história, sua religião e seu relacionamento com os demais povos, para que através do panorama geral, possamos visualizar o estigma que tanto cerca esse povo; o nazismo, seus ideais e sua chegada ao poder; o contexto do surgimento e estabelecimento do Terceiro *Reich*, de modo que possamos ver em que chão plantou-se a ideia da destruição de uma cultura que foi marginalizada; e por fim, a própria destruição dos livros, onde começou que motivações levaram a tal e onde ocorreram.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

A destruição de livros, seja através de desastres naturais ou de atitudes criminosas do homem, é um tema que deve fazer parte da preocupação de todo bibliotecário. A conservação e preservação de documentos, esta intrinsecamente ligada à biblioteconomia, haja vista que uma das tantas funções sociais que a profissão tem é a de servir de guardião do conhecimento, da história e da cultura.

De maneira geral, nos cursos de Biblioteconomia, se tem acesso a estudos acerca dos agentes físicos, químicos e biológicos responsáveis pela deterioração e destruição dos documentos, juntamente da instrução de como podemos reverter ou retardar esse processo natural. Contudo, foge a nossa cartilha, estudar, identificar e analisar os fatores não naturais, advindos do homem e sua ambição em determinar a superioridade de uma cultura em relação à outra, promovendo a destruição daquela que não lhe convém, ou que é contrária aos seus princípios e ideais.

Através desse argumento justifico, portanto, a importância de se realizar um estudo em cima de um fato que ocorreu tantas vezes desde o surgimento da escrita e do livro, e que por isso torna-se impossível que possamos contabilizar a totalidade de tamanhas perdas na história cultural humana.

A escolha do tema acerca da destruição dos livros judeus pelos nazistas se deu pelo fato de ter sido um acontecimento histórico de grande visibilidade, a partir do qual nasceram muitos livros, filmes, documentários e diversos outros conteúdos

acerca da Segunda Guerra, do nazismo e até mesmo da destruição de livros. Todavia, o fator maior da escolha foi o interesse em compreender como um preconceito de um povo para outro pode evoluir de tal forma a extrapolar para a destruição em massa de seu patrimônio cultural. No caso específico dos judeus, o ódio ultrapassou ainda mais uma barreira, pois não satisfeitos em queimar sua memória, os nazistas resolveram também, dizimar o próprio povo.

## 1.2 PROBLEMA

Compreender a situação que levou à destruição de livros judaicos pelos nazistas, durante o Terceiro *Reich*.

## 1.3 OBJETIVOS

Serão apresentados nesse item o objetivo geral e os objetivos específicos.

### 1.3.1 Objetivo geral

Analisar a destruição de livros judaicos realizada pelos nazistas durante o Terceiro *Reich*.

### 1.3.2 Objetivos específicos

- a. Descrever o contexto e o início do Terceiro *Reich* da Alemanha.
- b. Compreender como surgiu o nazismo e sua filosofia;
- c. Analisar a cultura judaica como um todo e sua situação na Alemanha;
- d. Apontar onde e quando começou a destruição dos livros judaicos, suas motivações e suas consequências.

## 2 CONTEXTO HISTÓRICO E APONTAMENTOS TEÓRICOS

A seguir, serão apresentados o contexto histórico e o referencial teórico, que foram desenvolvidos no intuito de criar uma base acerca dos eventos que permearam a destruição de livros de autores judaicos, de modo que o entendimento dos fatos seja mais efetivo.

### 2.1 O JUDAÍSMO

Denominar o que é o judaísmo é uma tarefa bastante complexa, pois a palavra judaísmo, hoje, nos evoca diversos conceitos à mente referentes à religião, povo, cultura, entre outros. Para definir quem é judeu, de forma geral, apresento a definição de Kertzer

Judeu é aquele que, não tendo afiliação religiosa formal, considera os ensinamentos do judaísmo - sua ética, seus costumes, sua literatura - como propriedade sua. Esta é a definição cultural. Judeu é aquele que se considera judeu ou que assim é considerado pela sua comunidade. Esta é a definição prática (KERTZER, 1962).

Contudo, para ser considerado judeu, é preciso ou nascer de uma mãe judia, ou se converter ao judaísmo. A conversão passa por duas etapas: uma na qual o convertido passa por uma espécie de tribunal religioso, onde avaliam o pedido de conversão, sua sinceridade e seus conhecimentos sobre judaísmo; e outra a qual constitui um ritual chamado *Mikvá*, que é uma imersão do convertido em água, uma espécie de batismo. No caso de ser homem, é necessário também realizar a circuncisão (RICH, 2011).

O judaísmo é uma religião que nasceu no Oriente Médio, num local que hoje conhecemos como Iraque. A história do judaísmo começa com Abraão, mais precisamente quando Deus lhe pede que deixe sua terra natal, prometendo a ele e a seus descendentes a terra de Canaã. Abraão faz então uma aliança com Deus, com promessas de bênçãos e benfeitorias para seu povo, que eram conhecidos naquela época como hebreus. A partir desse fato, podemos afirmar que nasce o judaísmo como religião, sendo ela a primeira a ser monoteísta, onde se acredita que existe apenas um Deus, diferente de todas as outras religiões da época (RICH, 2011).

A Terra de Canaã também é conhecida como Palestina e posteriormente foi nomeada de Terra de Israel, como até hoje é chamada, conhecida por ser a terra prometida de Deus aos judeus. Segundo Tsur (1977, p. 14) “a Terra de Israel era, na Antiguidade, um pequenino reino, que se estendia entre as colinas da Judéia e da Samarina, entre as nascentes do rio Jordão e o deserto de Neguev”. Na terra de Canaã, o modo de vida dos hebreus era pacato, baseado na criação de gados e na agricultura, tendo também certa interação com alguns centros urbanos. Contudo durante tempos de seca e fome, os hebreus migraram para o Egito em busca de sobrevivência e provisões.

Lá, os hebreus ficaram por volta de 300 a 400 anos e acabaram sendo escravizados pelo povo do Egito. Moisés, que lidera os hebreus de volta a Terra de Canaã, numa peregrinação pelo deserto que durou cerca de 40 anos, contando com alguns fatos milagrosos durante esse “êxodo”, como é conhecida essa fase. Nela, de acordo com os relatos registrados na Bíblia, aconteceu a divisão das águas do Mar Vermelho por Moisés, para a passagem dos hebreus durante a fuga dos egípcios, e a chegada ao monte Sinai, onde Deus entrega a Moisés as tábuas com os Dez Mandamentos, que passam a ser o regimento básico do judaísmo. Esses fatos dão a Moisés grande importância, sendo ele considerado o grande legislador, libertador e profeta dos judeus.

De volta à Canaã, por um longo período de tempo os hebreus restabeleceram sua vida. Contudo, a paz para eles não durou muito e logo começaram os conflitos com os vizinhos. Segundo Tsur (1997) os hebreus

[...] acabaram tendo a mesma sorte de todas as nações da Antiguidade, pequenas ou grandes: em 70 da era cristã, após anos de resistência heróica contra forças esmagadoras, foi vencida pelas legiões romanas de Tito; Jerusalém foi tomada e devastada pelo inimigo (TSUR 1997, p. 14).

A partir dessa derrota, ocorreu a dispersão dos judeus pelo império Romano - período esse conhecido como “diáspora” - e desde então, só voltaram a retomar o poder da Terra de Israel para si séculos mais tarde, em 1948, quando a Organização das Nações Unidas criou o Estado de Israel. O povo judeu, expulso de sua Terra, acabou se espalhando por todo o Império Romano. Alguns deles levaram a semente da nova religião recém-nascida, o cristianismo (SCLAR, 1985).



Mesmo espalhados, tanto pela Europa Oriental como pela Ocidental, os judeus que não viraram cristãos, mantiveram-se fiéis aos seus ensinamentos religiosos e sua cultura.

Arraigados, apaixonada e profundamente, à religião de seus antepassados e à sua herança espiritual, o povo judeu criou um escudo defensivo que lhe permitiu sobreviver, salvaguardar o modo de vida que lhe era próprio, de manter vivo o seu espírito. Esta fusão de elementos nacionais e religiosos é justamente o aspecto singular da vida judaica (TSUR, 1997, p. 15).

Durante a Idade Média, o Cristianismo foi a religião dominante, sendo que a Igreja Cristã tinha grande poder na vida das pessoas, poder maior até mesmo que os Reis, que para o bem ou para o mal, eram influenciados por ela. Para os judeus, essa foi uma época complicada, pois segundo Algazi (1962)

[...] no mundo cristão, à medida que o cristianismo ia ganhando terreno no monopólio das fontes de riqueza dos países do Ocidente, ia a influência judaica pouco a pouco voltando ao estado de prostração em que esteve mergulhada nos últimos tempos do império romano. Os judeus não podiam ter autoridade alguma sobre os cristãos; eram afastados dos cargos públicos e eram privados dos direitos de cidadania quando implicava em algum cargo de autoridade, como ter escravos, servos e até criados domésticos. **Os cristãos deviam evitar todo contato social com os judeus, os quais deveriam ter uma marca ou distintivo em suas roupas ou em alguma parte visível do corpo** (ALGAZI, 1962, grifo nosso).

Outro fator que contribuiu para o preconceito com os hebreus em relação ao dinheiro foram as questões econômicas da Idade Média. O feudalismo se caracteriza por ser uma economia ligada a ruralização, onde os grandes proprietários começam a arrendar suas terras com intuito de garantir seu sustento e a produção que vem do cultivo, é feita para próprio consumo. Nesse período, também houve a desvalorização das atividades ligadas ao comércio, o que contribuiu para essa economia agrária se consolidar (SOUZA, 2015). Além das atividades comerciais diminuírem, disseminava-se através da igreja cristã, uma visão um tanto obscura do dinheiro, na qual sua busca e seu acúmulo constituíam-se em pecado de avareza. Entretanto, essa ideia não se estendia aos judeus, que poderiam reunir quantias significativas de dinheiro.

Unindo isso ao fator que aos judeus era proibida a posse de terras, restaram a eles as atividades comerciais (pouco populares) e atividades relativas ao empréstimo de dinheiro a prazo e com juros para aqueles que não tinham acesso a

banco (classes baixas). Essa atividade também é conhecida por usura, e ela acontecia com certa frequência, pois mesmo que a economia da época fosse mais rural, o dinheiro ainda era necessário para a manutenção da sociedade. A partir daí, criou-se a imagem caricatural do judeu usurário (SCLIAR, 1985).

Além disso, Tsur (1977) nos diz que

[...] durante toda a Idade Média, e até o início dos tempos modernos, os judeus da Europa, assim como os do Oriente, concentravam-se em bairros urbanos separados. Ficou estabelecido chamá-los de “guetos”, segundo o nome usado para denominar o bairro judeu de Veneza do século XVI. [...] Paradoxalmente, essa medida restritiva propiciou a salvaguarda do modo de viver que lhes era peculiar [...] Por trás das muralhas dos guetos, eles viviam no seio de uma sociedade que lhe era própria, vestiam-se segundo seus usos, observando seus costumes, obedecendo às suas leis que tinham a força executória no quadro da comunidade (TSUR, 1977 p. 19).

Ou seja, por quase toda a sua história, os judeus foram marginalizados pela sociedade, vistos com desconfiança e até com ódio. Tendo seus direitos diferenciados dos cristãos, muitas vezes até negados, os judeus tinham que sobreviver à sua maneira, contudo, nunca deixando de lado a sua crença e seus costumes.

Durante séculos, os judeus espalhados pelo mundo, vítimas de ódio, de perseguições e de massacres, foram enxotados de um país para outro. Fosse qual fosse a região para onde a sorte os levasse, mantinham-se fiéis ao seu modo de vida, às suas tradições ancestrais, à recordação do passado, à ética de suas leis e à sua língua (TSUR, 1997, p. 15).

Já na Idade Moderna, com o advento do capitalismo e com as relações comerciais voltando com força, os judeus tiveram a possibilidade de ascender socialmente em diversos países, juntamente com o surgimento da nova classe, a burguesia. Já que outrora a posse de terras lhes tinha sido proibida, os judeus passaram muito tempo dedicando-se à manufatura, às ocupações artesanais e ao comércio, o que agora correspondia às necessidades da economia naquele momento (SCLIAR, 1985).

O fator econômico aliado ao fato que a Revolução Francesa veio como um evento promotor da liberdade e igualdade entre os homens e foi de muita importância para a comunidade judaica. A Revolução Francesa pode ser considerada um marco na vida dos judeus da Europa Ocidental, quando Abade Grégoire em seu discurso na Assembléia Nacional em 1791, disse que todos os

homens eram iguais sem distinção de raça ou credo. Após esse grande passo, a igualdade de direitos dos judeus foi proclamada em diversos outros países, como Alemanha, Grã-Bretanha e Áustria (TSUR, 1977).

Agora, com a nova economia liberal e com a Igreja Católica perdendo seu poder, surgiu um cenário mais amigável aos judeus na Europa Ocidental. “A burguesia, como classe, era mais liberal, mais tolerante que os senhores feudais. *Tinha* de ser liberal e tolerante, pois assim o exigia o estabelecimento de uma economia de mercado” (SCLiar, 1985, p. 38, grifo do autor). O movimento antissemita diminuiu consideravelmente, e assim os judeus puderam ocupar posições de destaque, tanto no terreno político como no cultural. Muitos foram professores, cientistas, políticos, escritores, entre outras coisas (ALGAZI, 1962).

Entretanto, essa tranquilidade agora vivida pelos judeus, era uma virtude daqueles que viviam na Europa Ocidental. Scliar (1985, p. 42) nos conta que “[...] na atrasada Europa Oriental, grande parte da qual estava sob o domínio dos tzares, os judeus levavam uma vida miserável, como camponeses, artesãos, pequenos comerciantes em sonolentas aldeias [...]”. Complementando essa desagradável situação, surgiu uma onda antissemita muito forte na Rússia, por volta de 1881, logo após o assassinato de Alexander II, Imperador da Rússia. Acreditava-se que os judeus eram responsáveis pelo assassinato do Tzar. Isso resultou em atitudes extremistas por parte da população, em que ocorreram os famigerados *pogroms*, que envolviam muita violência por parte da população para com os judeus.

[...] como um termo internacional, a palavra “pogrom” é empregada em muitas línguas para descrever os ataques específicos acompanhados por saques e derramamento de sangue contra os judeus na Rússia. A palavra designa, mais particularmente, os ataques realizados pela população Cristã contra os judeus, entre 1881 e 1921, enquanto as autoridades civis e militares permaneceram neutras e ocasionalmente forneciam seu suporte de maneira secreta ou aberta (MODERN Jewish History: pogroms, c2016, tradução nossa<sup>1</sup>).

Esse fato foi muito marcante na história judaica, pois através da violência constante sofrida na Europa Oriental, foi que surgiu com mais força o movimento sionista, no qual procuravam restabelecer-se num território só seu, a fim de

---

<sup>1</sup> [...] as an international term, the word "pogrom" is employed in many languages to describe specifically the attacks accompanied by looting and bloodshed against the Jews in Russia. The word designates more particularly the attacks carried out by the Christian population against the Jews between 1881 and 1921 while the civil and military authorities remained neutral and occasionally provided their secret or open support

cessarem todo o preconceito que vivenciavam desde que saíram de sua Terra (TSUR, 1997).

Por volta do século XIX, mais um fator foi acrescentado ao motivo de preconceito contra os judeus: a questão de raça, baseada na ciência moderna interpretada de maneira distorcida. Costumeiramente, vê-se em discursos, geralmente de cunho hostil, os judeus serem chamados, erroneamente, de raça. Porém, Scliar (1985, p. 26) esclarece que “O que quer que sejamos, nós, os judeus, não somos uma raça. Não temos caracteres biológicos comuns, a não ser quando se toma os grupos de determinadas regiões: da Europa Ocidental, por exemplo.” Para reforçar a ideia, em concordância, Kertzer (1962) nos diz também que

Como parte de inegável importância para qualquer definição válida, deve-se dizer também o que o judeu não é. Os judeus não são raça. A história revela que através de casamentos e conversões o seu número sofreu acréscimos sem conta. Há judeus morenos, louros, altos, baixos, de olhos azuis, verdes, castanhos e pretos (KERTZER, 1962).

Ou seja, os judeus não possuem um biótipo, ou traços limitantes que caracterizam uma raça. Por causa de suas jornadas ao redor do mundo, o judaísmo extrapolou, ao longo de séculos, barreiras raciais e linguísticas, tornando assim, um grupo bastante heterogêneo nesse quesito. Como consequência disso

O judaísmo sempre foi uma fé viva, crescendo e modificando-se constantemente como todas as coisas vivas. Somos um povo cujas raízes foram replantadas com demasia frequência, cujas ligações com as mais diferentes culturas foram muito intensas para que o pensamento e tradições religiosas permanecessem imutáveis (KERTZER, 1962).

Dessa forma, podemos derrubar por terra a ideia de raça dos judeus, e ter um entendimento de que na verdade eles compõem uma etnia, que possuem como denominador comum sua religião, sua história e seus costumes, e que devido à constante exclusão que sofreram ao longo dos séculos, lhes foi permitido que sua cultura se mantivesse e se resguardasse até os dias de hoje.

## 2.2 A VINDA DO TERCEIRO REICH

A palavra *Reich* em alemão significa reino, império. *Deutsches Reich* significa “Império Alemão”. Na história da Alemanha podemos identificar três *Reichs*: O

primeiro *Reich* foi estabelecido no Sacro Império Romano, com Oto I em 962 e terminou em 1806 por causa das invasões napoleônicas à Alemanha. O segundo *Reich* foi instaurado por Otto Von Bismarck após a unificação germânica, em 1871 e foi até 1918 com o fim da Primeira Guerra Mundial e o terceiro *Reich* inicia em janeiro de 1933 e vai até 1945, juntamente com a ascensão e queda de Hitler.

Com a iminente derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, o *Kaiser*<sup>2</sup> Guilherme II abdica do império Alemão, em 9 de novembro de 1918, deixando a Alemanha sem um líder em um momento complicado ao fim da Primeira Grande Guerra. Friedrich Ebert, do Partido Social-Democrata acaba assumindo a Chancelaria em 1918 e em 1919 torna-se Presidente do país. Instaura-se assim uma República na Alemanha - que até então vivia sob regime monárquico. Esse novo Governo da Alemanha - em diversos sentidos - acaba por ser o responsável por decisões importantes, como negociar a rendição da Alemanha na Guerra (Armistício em 1918, e Tratado de Versalhes em 1919) e a partir disso tentar reerguer o país pós-guerra.

A República de Weimar (chamada assim porque foi na cidade de Weimar que a nova Constituição democrática foi elaborada) nasceu fraca e gerando insatisfações. O país estava fragilizado, derrotado na guerra e já começava a sofrer com as rigorosas imposições feitas no Tratado de Versalhes.

[...] haviam-se imposto pagamentos imensos mas indefinidos à Alemanha, como “reparações” pelo custo da guerra e dos danos causados às potências vitoriosas. Como justificativa, inserira-se uma cláusula no tratado de paz fazendo da Alemanha a *única* responsável pela guerra, [...]. A quantia que a Alemanha teria de pagar permaneceu vaga, como um compromisso entre a posição dos EUA, que propunham fixar os pagamentos da Alemanha segundo a capacidade de pagar do país, e a dos outros aliados – sobretudo os franceses – que insistiam em recuperar todos os custos da guerra. O objetivo real destes, ou pelo menos da França, era manter a Alemanha fraca e ter um meio de poder pressioná-la. Em 1921, a soma foi fixada em 132 bilhões de marcos ouro, ou seja, 33 bilhões de dólares na época, o que todo mundo sabia ser uma fantasia (HOBSBAWN, 1995, p. 102, grifo do autor).

Weimar foi fraca em legitimidade política desde o início. A República foi acossada por problemas intransponíveis de insatisfação política, aumento da violência e conflitos políticos. Não era amada nem defendida por seus servidores no Exército e na burocracia, que eram apegados ao *Reich* e tinham medo de perder seus privilégios no atual regime político. Foi acusada por muitos pela humilhação

---

<sup>2</sup> Imperador

nacional do Tratado de Versalhes. Teve também que encarar enormes problemas econômicos, começando pela gigantesca inflação monetária que tanto dificultou a vida de muitos nos anos em que ela estava tentando se estabelecer. O medo e o ressentimento com a atual situação em que se encontrava o país, fez com que a Alemanha vivesse um período de tumultos e agitação civil. Tudo isso negou a estabilidade para o florescimento da nova democracia (EVANS, 2010).

O povo alemão estava desiludido, frustrado e cheio de uma sensação que a ordem e as tradições foram profundamente transtornadas. Enquanto outros europeus experienciavam mais ou menos a mesma decepção emocional pós-guerra, os alemães, em sua amargura, sentiam que os velhos Deuses de Kaiser [Imperador], a nação e a identidade alemã tinham não somente haviam sido deslocadas, mas também traídas (KNUTH, 2003, p. 76, tradução nossa<sup>3</sup>).

Segundo Evans (2010, p. 142) “A memória popular fundiu os efeitos da inflação, da hiperinflação e da estabilização em uma única catástrofe econômica na qual virtualmente todos os grupos da sociedade alemã eram perdedores”. A instabilidade econômica era profunda e atingia não somente a uma parcela da população, mas sim, a todos os setores e todas as classes da Alemanha. Os setores mais conservadores sentiram isso de maneira mais negativa ainda, de forma que estavam insatisfeitos com a perda da Guerra, com a instauração da República e agora com a situação econômica totalmente desfavorável, onde perdiam seus privilégios e passavam a ser tão vulneráveis financeiramente quanto às classes mais baixas.

A autoestima do povo alemão estava abalada e a confiança no Governo atual decrescia conforme a economia do país ia de mal a pior. Com o passar do tempo, a situação começou a se refletir na segurança, haja vista que a violência urbana cresceu de maneira assustadora durante esse período. Esses fatores foram fundamentais para que houvesse uma mudança no cenário político e partidário na Alemanha. Sobre isso, Arendt (2011) explica que

O colapso do sistema de classes significou automaticamente o colapso do sistema partidário, porque os partidos, cuja função era representar interesses,

---

<sup>3</sup> The German people were disillusioned, frustrated, and filled with a sense that order and traditions had been profoundly disrupted. While other Europeans experienced much the same post-war emotional letdown, the Germans, in their bitterness, felt that the old gods of Kaiser, nation, and Germanic identity had not only been displaced but also somehow betrayed.

não mais podiam representá-los, uma vez que a sua fonte e origem eram as classes (ARENDETT, 2011, p. 364).

Ocorre que devido às “paredes protetoras” das classes que foram caindo por terra conforme a crise galgava até os mais altos escalões da sociedade alemã, a representatividade das mesmas em questões de partidos políticos começou a ficar confusa. O que se enxergava era uma grande massa desorganizada e que possuíam a insatisfação e a desesperança como pontos em comum. Já não confiavam na política do país e já não acreditavam que seus componentes eram capazes de tirar o país do fundo do poço (ARENDETT, 2011). Dessa forma, abria-se o caminho para que discursos mais extremistas tivessem a atenção dos alemães.

As condições ideais para o triunfo da ultradireita alucinada eram um Estado velho, com seus mecanismos dirigentes não mais funcionando; uma massa de cidadãos desencantados, desorientados e descontentes, não mais sabendo a quem ser leais; fortes movimentos socialistas ameaçando ou parecendo ameaçar com a revolução social, mas não de fato em posição de realizá-la; e uma inclinação do ressentimento nacionalista contra os tratados de paz de 1918-1920 (HOBBSAWN, 1995, p. 130).

O “ressentimento nacionalista” citado acima por Hobsbawn foi o ponto chave da reviravolta política Alemã. Com o seu orgulho pisoteado e com a vontade de recuperar o quanto antes a dignidade tão valorizada pelo povo, os discursos nacionalistas soavam como música aos ouvidos alemães. Parecia que finalmente havia a possibilidade de restabelecer a glória de outrora da Alemanha. Para Evans (2010, p. 126) “A propaganda e as políticas dos nacionalistas muito contribuíram para disseminar as ideias radicais de direita entre o eleitorado na década de 1920 e preparar o caminho para o nazismo”.

Esse medo e o sentimento crescente de insatisfação do povo abriram as portas para o desejo de um governo mais autoritário, forte, de pulso firme, no qual Hitler acabou se encaixando. A República de Weimar, para a grande massa, não parecia capaz de atender as necessidades e desejos de seu povo, e nem parecia ter condições de melhorar a situação do país. Desse modo, o nazismo pareceu a muitos, como uma solução que reestruturaria a Alemanha por dentro e por fora.

O Partido Nazista emergiu do caos estabelecido entre os anos 20 e os anos 30, como o grupo capaz de restabelecer a ordem e a estabilidade. Seu programa político teve um forte apelo aos alemães, que sofriam com a crise do país. O nazismo de Hitler utilizou da falta de autoestima do povo para crescer politicamente.

Seus discursos baseavam-se nos ideais nacionalistas e na transmissão da ideia de superioridade alemã, biologicamente e culturalmente (KNUTH, 2003). Foi através de uma nação quebrada em diversos aspectos, que Hitler, eleito de maneira democrática pelo povo, chegou à chancelaria da Alemanha.

### 2.3 O NAZISMO

O nazismo (contração de nacional socialismo) é o nome dado pelo regime fascista que tomou conta da Alemanha no período de 1933 a 1945. Segundo definição, o fascismo é considerado um “[...] sistema de governo com poder fortemente centralizado, não admitindo oposição ou crítica, controlando todos os assuntos da nação (indústria, comércio, etc.) e estimulando o nacionalismo agressivo e (não raro) anticomunista” (RODEE; ANDERSON; CHRISTOL, 1959, p. 51).

O nome desse sistema de governo deu-se a partir do nome do partido “Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães”. Adolf Hitler era a figura principal do nazismo na Alemanha, sendo assim impossível dissociar um do outro. Porém, o Partido não foi fundado por Hitler, como poderíamos supor. Inicialmente conhecido por “Partido dos Trabalhadores Alemães”, o partido nazista foi fundado em 5 de Janeiro de 1919 por Anton Drexler, e surgiu com intuito de protestar contra determinados aspectos políticos e econômicos da Alemanha da época (EVANS, 2010 ; RODEE; ANDERSON; CHRISTOL, 1959).

Hitler, que até então, não fazia parte de nenhum partido, já nutria há algum tempo a vontade de tornar-se político e disseminar suas ideias ao povo alemão. Começou a participar de reuniões e comícios organizados pelas diversas facções que surgiam na Alemanha insatisfeita da época. Em uma reunião do Partido dos Trabalhadores Alemães, Hitler acabou discursando e acabou por conquistar Anton Drexler, que pediu que se unisse a eles. A princípio, Hitler não tinha gostado da ideia de voltar, tinha achado o grupo muito pequeno e ridículo, e também, tinha a ambição de fazer um partido seu, e não de juntar-se a outro já existente. Contudo, acabou retornando uma segunda vez, e se afiliando ao partido (EVANS, 2010; RODEE; ANDERSON; CHRISTOL, 1959).

Logo, Adolf Hitler



[...] rapidamente tornou-se o orador de destaque do partido. Ele usou seu sucesso como base para instigar o partido a realizar reuniões públicas cada vez maiores, grande parte delas em cervejarias, anunciadas com antecedências por campanhas com cartazes e frequentemente acompanhadas por cenas de desordem. No final de março de 1920, agora indispensável para o partido, decidiu com convicção que aquela seria sua futura atividade. A demagogia havia lhe restituído à identidade perdida com a derrota alemã. Deixou o Exército e se tornou um agitador político em turno integral (EVANS, 2010, p. 201).

Seu discurso contra judeus e marxistas era bem aceito principalmente pela classe média alemã, que se encontrava insatisfeita com o governo - República de Weimar - que passava por uma crise pós-guerra. Hitler difundia a ideia de que os judeus eram os inimigos da pátria, e que o exército alemão tinha sido “apunhalado pelas costas” pelos judeus “traidores” durante a Primeira Guerra Mundial, e que por isso, a Alemanha havia perdido e hoje vinha sofrendo com as consequências dessa perda (RODEE; ANDERSON; CHRISTOL, 1959).

No verão de 1920, o Partido dos Trabalhadores Alemães acrescentou ao seu nome “Nacional Socialista” e tornou-se o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (SHIRER, 2011). Sobre esse acréscimo ao nome do partido, Evans (2010) diz que

Talvez para enfatizar esse foco anticapitalista e para se alinhar a grupos semelhantes da Áustria e Tchecoslováquia, o partido mudou o nome em fevereiro de 1920 para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães; comentaristas hostis logo o abreviaram para a palavra “nazi”, assim como os inimigos dos social-democratas anteriormente haviam abreviado o nome daquele partido para “sozi”. A despeito da mudança de nome, contudo, seria errado ver o nazismo como uma forma, ou uma forma excrescente, de socialismo. É verdade, conforme alguns ressaltaram, que sua retórica frequentemente era igualitária, sublinhava a necessidade de colocar as necessidades comuns acima das necessidades do indivíduo, e muitas vezes declarava-se contrário aos grandes negócios e ao capital financeiro internacional. Também é famoso o fato de que o nazismo certa vez foi tachado de “socialismo dos tolos”. Mas, já de saída, Hitler declarou-se implacavelmente contrário à social-democracia e, de início em muito menor extensão, ao comunismo (EVANS, 2010, p. 203).

No início, o partido não dispunha de um planejamento definido sobre os princípios que regeriam sua base política, econômica e social. Ao longo do crescimento do partido, ela foi tomando forma. Apresentaram então “Os 25 cinco pontos”, que prescreviam o seguinte:

A ab-rogação do Tratado de Versalhes; restituição das Colônias Alemãs; união de todos alemães (inclusive a minoria dos países vizinhos, formando uma “Grande Alemanha”; restrição da cidadania alemã e dos cargos públicos

a “pessoas de sangue germânico” (exclusão dos judeus); nacionalização de “todos os trustes”; abolição da renda sem trabalho; comunização e cessão das grandes lojas a pequenos negociantes, a baixo preço; reforma agrária reforçada pelo confisco estatal e supressão de arrendamentos; legislação em defesa das mães e das crianças e pessoas idosas; restrições à imprensa, a fim de torná-la mais “alemã” quanto à direção dos pontos de vista; restabelecimento do recrutamento militar (RODEE; ANDERSON; CHRISTOL, 1959, p. 57).

A partir desse discurso, o partido atraiu uma gama grande de pessoas, tanto da direita quando da esquerda. Tocou em pontos fortes para os nacionalistas e já delineava os traços de censura que iria aplicar quando chegasse ao poder. Prometia uma reforma econômica, o que certamente atraiu os olhos daqueles que mais sentiam a crise que a Alemanha pós-guerra sofria. Knuth (2003) diz que

Hitler arregimentou uma ideologia cujo poder emocional e apelo repousou firmemente em fazer a nação o objetivo primordial de lealdade. Ele aproveitou o etnocentrismo, que como o antissemitismo, já vinha a algum tempo cozinhando em banho-maria na cultura alemã, e foi posta a ferver por condições sociais e políticas agudas (KNUTH, 2003, p. 77, tradução nossa<sup>4</sup>).

Sabendo da importância da propaganda como ferramenta política, Hitler usou o seu talento artístico para fazer a propaganda do partido nazista. Organizava comícios cada vez maiores, obtendo cada vez mais visibilidade do povo alemão. Criou a bandeira de fundo vermelho, e no meio branco um disco redondo contendo o desenho da suástica. Esse símbolo, embora emprestado de um tempo mais antigo, deveria se tornar um poderoso e assustador símbolo do partido nazista e posteriormente de uma Alemanha nazista (SHIRER, 2011). Nas palavras de Hitler “No vermelho, nós vemos a ideia social do movimento, no branco a ideia nacionalista, e na suástica a missão da luta pela vitória do homem ariano.” (SHIRER, 2011, p. 50, tradução nossa<sup>5</sup>).

No verão de 1921, Hitler se desenvolvia cada vez mais no partido, tanto como responsável pela propaganda como por orador. Quando houve a oportunidade de se candidatar a líder do partido, Hitler prontamente o fez, entretanto, ele teve concorrência. Por achar que estavam tramando contra ele, revoltado, pediu para

---

<sup>4</sup> Hitler marshaled an ideology whose powerful emotional appeal rested firmly on making the nation the paramount object of loyalty. He capitalized on an ethnocentrism that, like anti-Semitism, had been long simmering in German culture and was brought to a boil by acute social and political conditions.

<sup>5</sup> “In red we see the social idea of the movement, in white the nationalist idea, in the swastika the mission of the struggle for the victory of the Aryan man.”

renunciar ao partido. Como ele era o braço forte em diversos aspectos, o comitê recusou o seu pedido de renúncia. Assegurado de sua importância e da força de sua posição, Hitler forçou a rendição dos outros líderes, demandou poderes ditatoriais, como ser o único líder do partido e a abolição do próprio comitê. “Então, em Julho de 1921, estava estabelecido a ‘liderança principal’ que era para ser a primeira lei do partido nazista e então do Terceiro *Reich*. O ‘Fuehrer’ (*sic*) havia chegado ao cenário Alemão” (SHIRER, 2011, p. 52, tradução nossa).<sup>6</sup>

O número de afiliados ao Partido Nacional Socialista era, em 1928, 108 mil. Ao passar dos anos, o crescimento do partido era pequeno, mas ele acontecia: 49 mil membros em 1926; 72 mil em 1927; 108 mil em 1928; 178 mil em 1929 (SHIRER, 2011).

Cada vez mais o discurso de Hitler começava a ser comprado pelo povo alemão. Segundo Knuth (2003, p. 76, tradução nossa<sup>7</sup>) “Hitler canalizou a raiva das pessoas em direção a bodes expiatórios. Ele forneceu um plano de ação para resolver os problemas econômicos imediatos e prometeu um futuro glorioso da supremacia nacional e étnica”. Por causa disso

Hitler tinha agora, pelo início de 1931, juntado em volta dele no partido um pequeno grupo de homens fanáticos e cruéis, que o ajudariam na sua última escalada ao poder e que, com uma exceção, estariam ao lado dele para manter o poder durante os anos do Terceiro Reich [...] (SHIRER, 2011, p. 145, tradução nossa<sup>8</sup>).

Em 30 de janeiro de 1933, Hitler chega ao poder, como Chanceler (Primeiro Ministro) da Alemanha, de um Gabinete composto por 3 nazistas e 8 nacionalistas (RODEE; ANDERSON; CHRISTOL, 1959, p.58). Nesse dia, inicia-se o Terceiro *Reich* na Alemanha. Logo no início, foram tomadas medidas que o governo virasse um regime ditatorial, no qual Hitler assumisse o poder absoluto do país. Em fevereiro, aconteceu um incêndio no *Reichstag* (Parlamento). Após esse fato, o governo criou um decreto que suspendia os direitos civis constitucionais, e declarou

---

6 Then and there, in July 1921, was established the “leadership principle” which was to be the law first of the Nazi Party and then of the Third Reich. The “Fuehrer” had arrived on the German scene.

7 Hitler channeled the people’s rage toward scapegoats. He provided an action plan to address immediate economic woes and promised a glorious future of national and ethnic supremacy.

8 Hitler had now, by the start of 1931, gathered around him in the party the little band of fanatical, ruthless men who would help him in his final drive to power and who, with one exception, would be at his side to help him sustain that power during the years of the Third Reich

“estado de emergência” o que permitia com que decretos governamentais fossem executados sem aprovação parlamentar. Os nazistas, então, instituíram uma política de “coordenação” onde haveria um alinhamento das instituições e dos indivíduos com os ideais nazistas. A cultura, a economia e a educação passaram a ser controladas por eles. Em agosto de 1934, com a morte do Presidente alemão Paul von Hidenburg, Hitler assumiu os poderes da presidência. Com isso Hitler assumia as posições de Presidente do *Reich*, *Chanceler do Reich* e *Führer*. O exército fez a ele um juramento de lealdade pessoal (GOVERNO...). Estava instaurada a ditadura nazista.

## 2.4 A PROPAGANDA CONTRA OS INIMIGOS

A palavra “antissemitismo”, cunhada em 1897 pelo filósofo alemão Wilhelm Marr, significa oposição aos semitas (árabes e judeus). Em sua maioria, ela é usada para designar, mais especificamente, o preconceito contra os judeus. (ANTISEMITISM, c2016). Esse preconceito, como escrito anteriormente, surge em muitos séculos antes da criação do termo, juntamente com a ascensão do Cristianismo como religião dominante durante a Idade Média.

As ofensivas sofridas pelos judeus, construídas através de preconceito religioso, foram além do que se refere à doutrina e a prática religiosa, mas também, afetaram outras esferas da vida judaica, principalmente na parte econômica e social, durante o passar dos séculos. Mesmo abrandado pela Revolução Francesa e pelas mudanças causadas pelo capitalismo, o antissemitismo, entretanto, nunca cessou. Em diversos momentos de tensão, os olhares julgadores voltavam-se aos judeus, alimentando, de novo, o antigo preconceito.

Durante o período moderno, começou a se desenvolver, de forma política e literária, um sentimento nacionalista em diversos países da Europa. Na Alemanha, por exemplo, Carneiro diz que

Desde as primeiras décadas do século XIX, uma série de ações políticas aliadas à produção intelectual dos primeiros românticos ilustrados (Helder, Goethe e Shiller) colaboravam para formar o conceito de “povo” e “nação” alemães envolvidos num mesmo “espírito” (Volkgeist). Inspirado em uma interpretação do passado histórico, tal conceito contribuiu para germinar o sentimento nacionalista germânico, conhecido como pangermanismo (CARNEIRO, 2014, p. 108).

O sentimento nacionalista alemão foi alimentado através do movimento político do pangermanismo. Contudo, o nacionalismo não se restringiu somente à Alemanha, mas também a outros países da Europa que viviam a época do Imperialismo, na qual o sentimento nacionalista era alimentado por teorias de etnocentrismo e pela Teoria da evolução de Darwin, usada de maneira distorcida por cientistas preconceituosos. Com a Europa estimulada através dessas teorias, o antissemitismo volta a ser uma carta forte colocada na mesa, onde começou a sofrer uma transformação ideológica para um viés político.

Na era moderna, entre 1870 e o final do século 19, os antissemitas adicionaram uma dimensão política à sua ideologia de ódio, criando partidos políticos antijudaicos na Alemanha, França e Áustria. Publicações fraudulentas, como “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, deram legitimidade e apoio a falsas teorias de uma conspiração judaica mundial. Deve-se enfatizar que um forte componente do antissemitismo político é o nacionalismo exacerbado, cujos adeptos muitas vezes acusam através das mais variadas mentiras, os judeus de não serem cidadãos leais a seus países (ANTI-SEMITISMO).

Os judeus sempre carregaram o estigma de serem vistos como um povo sem pátria. Considerados como estrangeiros pelos demais, mesmo que há gerações eles vivessem em determinado país, sempre tiveram dificuldade em serem vistos como compatriotas. O sentimento nacionalista, o sentimento de ligação, de pertença e simpatia que se tem com aquele que tem a mesma origem e cultura, dificilmente se estendem aos judeus, que mesmo que falassem a mesma língua e também aderissem elementos característicos da cultura do país, conservavam sempre, de maneira acentuada, costumes muito próprios da religião, o que era visto como um obstáculo para que houvesse uma ligação cultural maior com os demais.

Corroborando para fortalecer o preconceito nacionalista contra os judeus, ainda no século XIX, na Alemanha, a ciência moderna criou uma concepção de raça, diferenciando então a “raça pura alemã” e a “raça judaica”. Dessa forma, segregava-se uma raça da outra, categorizando uma como a superior e a outra como inferior e estrangeira, na qual não deveria, para o bem da “pureza”, a judaica se misturar com a alemã (CARNEIRO, 2014).

A quantidade de impressos antissemitas produzidos durante esse período colaborou para a reafirmação desse preconceito já existente e para a sua disseminação em maior escala, já que agora, os escritos publicados proporcionavam

uma base tanto científica, como política e social para reconstrução da imagem pejorativa dos judeus. Tudo isso seria utilizado, mais adiante, para compor o discurso de Hitler e do partido nazista (CARNEIRO, 2014).

Com o caos que seguiu após a Primeira Guerra Mundial, o antissemitismo foi ganhando maiores proporções, na medida em que tentavam achar culpados para a derrota. Os discursos de Hitler, por exemplo, enalteciam a ideia de que havia uma conspiração judaica que fazia com que a Alemanha regredisse, culpando-os de todos os males que a Alemanha vinha sofrendo. O partido nazista lançou uma massiva propaganda negativa, culpando os judeus pelos infortúnios sofridos pelos alemães (ANTI-SEMITISMO).

Todo o tipo de mídia e veículo de comunicação utilizados na campanha nazista era usado também para propagar a ideia de influência tóxica que a raça ariana vinha sofrendo por causa dos judeus. De acordo com o que Hitler acreditava, a raça ariana havia drasticamente declinado, vivendo no vácuo de um tempo sem cultura, pois ela havia sido minada por terceiros. A responsabilização por essa “danificação” da cultura germânica caiu sobre os judeus. Para que sua cultura ressurgisse sem essa “poluição”, as suas fontes deveriam ser identificadas e erradicadas de dentro para fora (KNUTH, 2003).

Os discursos de Hitler reduziam os complexos problemas sociais, políticos e econômicos da Alemanha a um simples denominador comum: as malignas maquinacões dos judeus. Em *Minha luta*, descrevendo como, na sua opinião, os judeus subversivos haviam minado o esforço de guerra alemão em 1918 [...] (EVANS, 2010, p. 202).

Após a chegada ao poder, os líderes nazistas iniciam um boicote econômico em que os principais alvos eram as empresas, escritórios e pequenos negócios de proprietários judeus. Já em 1933, as tropas de choque atacaram estabelecimentos de propriedade judaica, em diversas cidades do país. Pichavam a palavra “judeu” e desenhavam a estrela de Davi de modo a informar a população sobre a quem pertencia aquele estabelecimento. A seguir, nos mais diversos níveis sociais, os judeus foram perdendo seus direitos, sendo restringidos pelo preconceito - não era permitido que prestadores de serviços judeus atendessem alemães de puro sangue. Os judeus são excluídos do serviço público, e mais além, acabam sendo proibidos de exercer sua profissão, mesmo que de maneira mais autônoma, quase que na sua totalidade (ANTI-SEMITISMO).

Passou a ser obrigatório para os judeus, o uso do emblema da Estrela de Davi costurado em suas roupas, para que os oficiais pudessem facilmente reconhecê-los e, portanto, fazer-se cumprir os mandados oficiais que, cada vez mais, os excluía dos espaços alemães. Eles foram gradativamente sendo excluídos das praças públicas, das escolas e do comércio. As ruas começavam a se tornar perigosas para os judeus, que agora facilmente identificados, tornavam-se alvos de assaltos, estupros e outros tipos de violência (KNUTH, 2003).

Em setembro de 1935, são instituídas as “Leis de Nuremberg” (chamadas assim por terem sido anunciadas em um congresso anual, que foi realizado na cidade de Nuremberg). Essas Leis foram feitas com o propósito de restringir a liberdade e diminuir os judeus como cidadãos. Nelas, os judeus ficam proibidos de se casarem ou manterem relações sexuais com pessoas de “sangue alemão”; define como judeus aqueles que possuem três ou quatro avós judeus (mesmo que a pessoa não praticasse o judaísmo, ou até mesmo praticasse outra religião, como o cristianismo). Após algum tempo essas Leis estenderam-se aos ciganos e negros também considerados um perigo para a pureza racial alemã (LEGISLAÇÃO...).

As Leis de Nuremberg refletem de maneira clara a visão totalmente desvirtuada que os nazistas tinham acerca dos judeus. Baseados em teorias interpretadas às avessas por preconceituosos cientistas, acreditavam que os judeus compunham uma raça, considerada inferior e perigosa, e assim, praticamente confiscando a nacionalidade alemã e dando-a somente àqueles que correspondiam a critérios completamente racistas.

Com a implantação das Leis de Nuremberg, os judeus viram a terra ruir sob seus pés. A legislação nazista lhes arrebatou, em segundos, uma posição conquistada com sacrifício ao longo dos séculos: o direito de ser cidadão, de ter uma pátria e de ter uma fronteira como referência geográfica. Perderam também o direito de serem vistos como seres humanos (CARNEIRO, 2014, p. 126).

No imaginário cultural Alemão, desenvolvido por diversos intelectuais que compactuavam com a ideologia nazista, começavam a surgir caracterizações negativas sobre os judeus. No próprio livro de Hitler, leitura praticamente obrigatória de todo e qualquer alemão nazista durante o Terceiro *Reich*, ele desenvolvia essa imagem deturpada dos judeus.

A caracterização do judeu em *Minha Luta* incluía imagens de vermes em um cadáver apodrecido, uma praga pior que a morte negra, um portador de germe, um parasita, um vampiro. O partido dava licença para as a paixão das pessoas contra os judeus e desencadeou uma ferocidade que anteriormente tinha sido refreada pelas formas e valores de uma sociedade civilizada. [...] Sob a tutela dos nazistas, os judeus eram tipificados como *Fremdkorper* - um corpo estranho dentro da Alemanha - e a propaganda os identificava como toda doença social, política e econômica que já tinha caído sobre a nação (KNUTH, 2003, p. 83, tradução nossa<sup>9</sup>).

Não somente à literatura se restringiu a criação dessa caricatura perversa do judeu. Conscientes da força do cinema, os nazistas utilizaram muito dessa arte para disseminar para as massas os ideais do Nacional-Socialismo. Para que essa ferramenta fosse utilizada com sucesso, Carneiro (2014, p. 119) diz que

Isso exigiu a reorganização da indústria cinematográfica alemã sob princípios racistas que, além de favorecer uma certa ala do empresariado conivente com a ideologia nazista, também colocou todos os setores e produções cinematográficas sobre o controle do regime (CARNEIRO, 2014, p. 119).

O antissemitismo, disseminado e reforçado constantemente nos discursos dos nazistas, estrategicamente, extrapolou o âmbito da fala e ganhou vida nas manifestações artísticas, bastante estimuladas pelo Governo. A intenção sempre foi de que a ideologia nazista cobrisse os meios de comunicação e os de entretenimento, garantindo que o nazismo e o preconceito contra os judeus fossem fortemente disseminados e reforçados para todos os alemães com diferentes níveis de escolaridade e intelecto.

Na Alemanha dos anos de 1933-1945, as convocações anti-semitas permeavam todos os âmbitos do cotidiano, presente nas conversas entre cidadãos comuns, nos discursos oficiais proferidos pela elite política do nacional-socialismo, nos hinos patrióticos, nos pôsteres, nos filmes, nas revistas ilustradas, nos álbuns de figurinhas e, até mesmo, nas temáticas veiculadas por cartões postais. Tanto os impressos como os discursos, transmitidos por rádio e alto-falantes espalhados por todos os cantos das cidades dominadas pelos nazistas, dedicavam-se a cultivar o ódio e a instigar ataques físicos e psicológicos aos judeus (CARNEIRO, 2014, p. 116).

---

<sup>9</sup> Hitler's characterization of the Jew in *Mein Kampf* included images of maggots in a rotting corpse, a plague worse than the black death, a germ carrier, a parasite, a vampire (Jackel 1972). The Party gave license to the people's passion against the Jews and unleashed a ferocity that previously had been curbed by the forms and values of civilized society.[...] Under the tutelage of the Nazis, the Jews were typified as a *Fremdkorper*— an alien body within Germany—and propaganda identified them with every social, political, and economic ill that had ever befallen the nation.



Assim, toda a influência cultural judaica foi banida pouco a pouco de todas as instituições. Nas escolas públicas e universidades, os Judeus foram impedidos de estudar, e trabalhar. Demissões em massa de judeus ocorreram logo nos primeiros meses do Terceiro Reich. Aos poucos, eles foram tendo seus direitos restringidos na Alemanha nazista. As publicações judaicas foram obrigadas a parar, suas coleções de arte eram classificadas como “arte degenerada”, escritores, jornalistas e atores eram banidos e proibidos de exercer suas profissões. Porém, ainda restavam os resíduos culturais desse povo odiado (KNUTH, 2003). Logo, chegaríamos à tentativa de destruição de seu passado e de sua influência cultural e artística, considerada tóxica na cultura alemã, através da queima de seus livros.

## 2.5 CONCEITUANDO A CENSURA

A censura, ao longo da história humana, tem sido usada por diversos regimes autoritários como meio de controle da população. Definida em um sentido mais amplo como “restrição à livre expressão e à troca de informações” (CENSURA, 1998, p. 190), a censura tem como função alienar as pessoas de informações e ideias que possam ser desfavoráveis aos regimes políticos e/ou religiosos aos quais estão submetidos. O intuito dela é evitar acesso a todo e qualquer informação que seja passível de tornar-se uma ferramenta de subversão ideológica.

Por meio das referências estudadas, é possível identificar que as ideias e as palavras têm preocupado os poderes despóticos na história da humanidade. Afinal, o uso da palavra e da memória, constitui uma das mais eficazes formas de resistência ao poder arbitrário, uma vez que a palavra impulsiona a ação no mundo. O mesmo pode-se dizer sobre a memória, pois ela é feita de palavras. Não a “memória distorcida”, como diria Chauí (1994)<sup>10</sup>, mas a memória que nos permite lembrar o valor da liberdade (COSTA; GERMANO, 2012, p. 157).

Os homens de poder, tanto quanto os revolucionários sabem bem do poder da força da palavra escrita. É através das ideias dispostas pela escrita que informações circulam, gerando conhecimento, modificando valores, acarretando em novas atitudes, e transformando constantemente a realidade cotidiana. A partir do momento que a cultura deixou de ser privilégio da elite e passou a ser acessível a

---

<sup>10</sup> CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

todos, aumentou o perigo das massas serem seduzidos pelas palavras e, portanto, de terem conhecimento e deixarem de ser dóceis e manipuláveis. (CARNEIRO, 2002).

Bibliotecas, livrarias e editoras reconhecidas por serem locais de criação, circulação, disponibilização de livros e, por conseguinte, foco de disseminação de ideais humanistas e democráticos, com valores fortes ligados à liberdade de expressão, são alvos da “limpeza” de regimes totalitários, onde se acercam dos materiais que possam trazer qualquer noção de subversão (dito pelos censores, geralmente como “uma ofensa aos bons costumes”), e os retiram de circulação. Segundo Manguel (1997, p. 315) a censura “é o corolário de todo o poder, e a história da leitura está iluminada por uma fileira interminável de fogueiras de censores, dos primeiros rolos de papiro aos livros de nossa época”.

O livro sendo esse objeto poderoso de transmissão de informações é, portanto, um dos grandes focos de análise e restrição de regimes censores. Contudo, diferente do que ocorre na distopia de Fahrenheit 451 de Ray Bradbury, os livros não são todos proibidos e queimados. Existe sim espaço para livros e outras manifestações culturais nos totalitarismos, porém somente àqueles cujas ideias correspondem positivamente aos princípios que o censor soberano quer que sejam disseminados. Afinal de contas, o progresso, dentro de qualquer sistema de governo, é sempre almejado, entretanto, de forma limitada, sempre controlado pelo interesse de quem está no poder.

Todos, exceto os ideólogos mais extremos acreditam que se as bibliotecas podem ser suficientemente purgadas e controladas, então sua preservação pode ser justificada pelo seu uso como propaganda e como instituição educacional que transmite e dá suporte as suas visões (KNUTH, 2006, p. 36).

A partir disso, as instituições que primam pelo livre acesso, pela democratização da informação, transfiguram-se e passam a ser as ferramentas da propagação da ideologia autoritária vigente. As lacunas vazias deixadas pelos livros censurados são preenchidas com livros que correspondem ao que o regime considera adequado. Dessa forma, mantém-se a “ordem” e o domínio sobre as informações, alimentando o povo com sua ideologia, gerando ainda a ilusão de livre acesso ao conhecimento.

Em concordância, Knuth (2003, p. 9) diz que “Para aqueles que se alinham com ideologias políticas extremas, livros e bibliotecas são ou ferramentas do regime ou inimigos do Estado - a arma daqueles que desejam minar o Governo”. Portanto, o livro pode ser tanto a destruição como a ferramenta de manutenção do regime. A interferência e a restrição, por mais veladas que sejam, serão sempre o *modus operandi* de manutenção de poder de determinados regimes políticos. Afinal de contas, a informação livre é a arma mais eficaz contra a alienação e a coerção.

Nos totalitarismos, não são somente as ideias subversivas e de cunho humanista que são consideradas alvos de censura e de destruição. Muitas foram as vezes na história da humanidade em que uma cultura “soberana” tentou subjugar e anular a outra, considerada inferior. Ou aderem-se aos padrões da doutrina imposta, ou considera-se inimigo nacional. Em alguns regimes desse tipo, consideram-se todo e qualquer meio de expressão cultural (artística, institucional e/ou religiosa) como ultraje e até mesmo traição contra o Governo. Por isso, todo objeto e todo patrimônio representativo dessa cultura é alvo de destruição (KNUTH, 2003).

Chamamos isso de etnocídio, que de acordo com Cox (2006, p. 67) “Designa a supressão das diferenças culturais julgadas inferiores e imperfeitas, é a aplicação de um princípio de identificação, de um projeto de redução do outro ao mesmo. O etnocídio desemboca sempre na dissolução do “múltiplo” no “um”.” Nada que não seja parte do nacionalismo e da doutrina soberana, que são as que devem imperar, deve se propagar. De preferência, devem deixar de existir.

Quando o etnocídio não satisfaz por completo a sede de aniquilação e o preconceito pela outra cultura, ele evolui para a tentativa de dizimação do próprio povo.

O termo "genocídio" não existia antes de 1944; ele foi criado como um conceito específico para designar crimes que têm como objetivo a eliminação da existência física de GRUPOS nacionais, étnicos, raciais, e/ou religiosos. [...] Em 1944, Raphael Lemkin (1900-1959), um advogado judeu polonês, ao tentar encontrar palavras para descrever as políticas nazistas de assassinato sistemático, incluindo a destruição dos judeus europeus, criou a palavra "genocídio" combinando a palavra grega geno-, que significa raça ou tribo, com a palavra latina -cídio, que quer dizer matar. Com este termo, Lemkin definiu o genocídio como "um plano coordenado, com ações de vários tipos, que objetiva à destruição dos alicerces fundamentais da vida de grupos nacionais com o objetivo de aniquilá-los" (O QUE... grifo do autor)

Tanto “etnocídio” como “genocídio” são termos criados a partir do século XX, mas eles descrevem práticas que ocorreram desde sempre durante toda a história. Os Governos autoritários sempre foram perpetuadores dessa destruição de patrimônios e de pessoas (principalmente durante as guerras) e das mais variadas formas: através da colonização, do efeito colateral de guerras, dominação ou imposição à outro povo, e até mesmo por motivos de vingança (KNUTH, 2003). Portanto, quando o primeiro ato acontece – censura e destruição de elementos constituintes da história e cultura de um povo – podemos considerar um prenúncio de que algo ainda mais macabro está por vir.

### 3 METODOLOGIA

Nesse item será abordada a metodologia que foi aplicada ao trabalho.

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa do presente trabalho caracteriza-se por ser de natureza básica, de abordagem qualitativa. Essa abordagem se adéqua ao tema proposto, pois “A **pesquisa qualitativa** não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 31, grifo dos autores). Ou seja, ela trabalha ligada ao universo de significados, crenças, valores e atitudes, visualizando um espaço mais profundo das relações e fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, encaixando-se, então, ao tipo de problema que abordaremos no trabalho, o qual entrelaça questões históricas e sociais, que desejamos analisar e entender (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009).

Com base nos objetivos da pesquisa, ela foi exploratória, pois através dela tivemos uma maior familiaridade com o problema e com os fatos que permeiam o tema (GIL, 2008). O procedimento adotado foi o da pesquisa bibliográfica, já que o assunto tem um grande número de fontes, e também, o procedimento dessa pesquisa permitiu que se investigasse sobre o tema mesmo havendo um distanciamento geográfico, temporal e até mesmo cultural do fato ocorrido.

#### 3.2 COLETA DE DADOS

A coleta dos dados foi feita através da pesquisa bibliográfica, na qual os livros são o principal meio de obtenção de informações. Existe acerca do tema que permeia o trabalho (Nazismo, Terceiro *Reich*), uma grande produção de conteúdos, desde livros didáticos do ensino básico, até séries de livros escritos por historiadores, e com diversos tipos de aprofundamentos. Portanto para encontrar as fontes para desenvolver o referencial teórico não tivemos dificuldade.

Já, acerca do problema em si - destruição de livros judaicos pelos nazistas -, não há tanta diversidade bibliográfica, principalmente escrita ou traduzida para o português. Contudo, os poucos livros aos quais tivemos acesso através de uma

pesquisa preliminar, foram suficientes para fazermos um estudo do conteúdo bastante relevante para o desenvolvimento do trabalho.

Foram utilizadas três linhas para organização de conteúdo do trabalho, com intuito de agilizar e tornar mais fácil a busca e posteriormente realizar o desenvolvimento. As três linhas de conteúdo são

- O judaísmo, sua história, sua religião, sua cultura e sua relação com outros povos ao longo do tempo;
- História da Alemanha no início do Terceiro *Reich*, a ascensão do nazismo e a propaganda utilizada pelos mesmos contra os judeus;
- A destruição de livros de autoria judaica que ocorreu em 1933 até o fim da Segunda Guerra Mundial realizada pelos nazistas.

As pesquisas realizadas para obtenção de materiais bibliográficos, primeiramente, foram feitas no catálogo *online* da UFRGS, tendo em vista que o acervo da Universidade proveria de diversos livros com abordagens médias e profundas acerca das linhas de conteúdo, já que a instituição conta com a Biblioteca de Ciências Sociais e Humanidades (BIBCSH) e a Biblioteca da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), que são das áreas de conhecimento principais que compõe o trabalho. O acervo pessoal da autora e da orientadora também foi utilizado na construção do trabalho.

A internet foi utilizada como local de coleta de dados, onde foi possível pesquisar uma maior diversidade de fontes (livros, documentários, reportagens entre outros). Através dela foi possível encontrar o *United States Holocaust Memorial Museum*, um site criado a partir do Museu localizado em Washington, com sua temática voltada para o Holocausto. Ele é um site muito rico e completo e dele foi possível coletar diversas informações textuais e fotográficas. Sobre as fotografias, é importante explicar aqui o método de pesquisa. No trabalho, constam 10 fotos retiradas do site, 5 delas relativas as queimas de livros em Berlim, e as outras 5 relativas ao *Einsatzstab Reichleiter Rosenberg*. As primeiras 5 foram encontradas a partir da expressão de busca “*book burning*” e refinada a pesquisa em “*images*”. Todas elas estão catalogadas, indexadas e possuem um número de registro, exemplo: “*Photograph#85339B*”. Esse número foi utilizado nas referências para identificação das fotos. As outras 5 fotos, não estão catalogadas. Elas constam em uma postagem do site juntamente com outras 13. Dessa forma, as referências delas foram elaboradas de maneiras diferentes.

A *Jewish Virtual Library* também foi um site importante na elaboração do trabalho, sendo ele especializado em judaísmo, foi possível procurar verbetes e demais informações históricas acerca da história da religião, da cultura e de seu povo.

*E-books* também serviram de fonte importante para o trabalho. Tendo em vista que achamos apenas dois livros com abordagens médias acerca do bibliocausto nazista (Báez e Battles), através da internet foi possível encontrar outras fontes bibliográficas em inglês as quais possuíam um aprofundamento maior no assunto (Polastron, Knuth, Raven e Fishburn).

### 3.3 ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS CONTEÚDOS

Para a construção do referencial teórico, foram divididos os conteúdos temáticos dos objetivos específicos como explicado acima e desenvolvidos um por um. Desse modo conseguimos construir uma base acerca de cada fator, e ao término a leitura da seção e suas subseções, o leitor pudesse estar munido das informações necessárias para entender a amplitude do entrelaçado de situações que levou ao bibliocausto.

O desenvolvimento do trabalho foi dividido em duas questões: a destruição de livros dentro da Alemanha e a destruição e pilhagem de livros em outros territórios próximos. A primeira parte consiste nos atos ocorridos nas bibliotecas públicas, privadas e pessoais e sobre a transformação cultural que ocorreu dentro dos limites alemães. A segunda parte fala sobre a política externa imposta a outros países pela Alemanha, para que houvesse uma predominância cultural germânica. Também fala sobre os saques que as bibliotecas sofriam em prol da criação de uma biblioteca pertencente ao Instituto de Exploração da Questão Judaica, na Alemanha, onde a intenção era fazê-la a maior de todas sobre Judaísmo. Nessa seção do trabalho, escolhi adentrar nos casos mais graves, em questão de violência, de número de livros roubados e destruídos que são os da Tchecoslováquia, Polônia, Países Bálticos e Rússia.

#### 4 DA CENSURA À QUEIMA DE LIVROS NA ALEMANHA NAZISTA

O início do Terceiro *Reich*, em decorrência da nomeação de Adolf Hitler como Chanceler em janeiro de 1933, sinalizou o declínio da democracia que até então existia na Alemanha. Em 27 de fevereiro de 1933, acontece um incêndio no prédio do parlamento alemão. Hitler culpa os comunistas pelo ato e convence o Presidente Paul von Hindenburg a declarar estado de emergência e a abolir direitos individuais, tolhendo o direito à privacidade (o que significava que os nazistas podiam ler suas correspondências, escutar suas conversas telefônicas e revistar casas sem necessidade de mandato de busca ou apreensão) e a liberdade de expressão e imprensa (O TERCEIRO...).

Logo, Hitler começou a trabalhar numa política de alinhamento das organizações do Estado com a ideologia nazista. Passou a ter controle sobre diversas áreas como cultura, economia, educação, entretenimento, entre outras. Em todos os aspectos da vida alemã, o nazismo começava a se fazer presente. Hitler sempre soube do poder que a propaganda poderia exercer para que sua raiz ideológica se aprofundasse no povo alemão, por isso, em 13 de março de 1933,

Hitler estabeleceu o Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda, encabeçado por Joseph Goebbels. O objetivo do Ministério era garantir que a mensagem nazista fosse transmitida com sucesso através da arte, da música, do teatro, de filmes, livros, estações de rádio, materiais escolares e imprensa (A PROPAGANDA...).

Joseph Goebbels, que se tornou braço direito de Hitler, encarregou-se muito bem de suas atividades, dedicando todo seu tempo aos seus discursos e ao trabalho de seu ministério. Ele, que era um intelectual, possuía doutorado em filologia, havia se encantado com Hitler e seus ideais, antes mesmo do Terceiro *Reich*. Uniu-se ao partido nazista e já convivia com Hitler antes da chegada do mesmo ao poder.

Dentro do ministério, ele controlava o conteúdo produzido nas áreas criativas das artes, cultura e também a imprensa, trabalhando na propaganda do partido nazista, aplicando seus ideais opressores no âmbito da produção artística e cultural da Alemanha, disseminando seu antissemitismo e seus ideais nacionalistas. Goebbels ajudou a consolidar a imagem do judeu como inimigo do povo alemão.

Logo de início, houve uma demissão em massa de trabalhadores judeus, principalmente àqueles ligados a meios artísticos, de comunicação, ensino e cultura



do país. Escritores, jornalistas, músicos, artistas, atores, diretores, todos foram perdendo seus postos de trabalho. Com essa demissão em massa, o pensamento era de que nenhum judeu poderia continuar a “contaminar” a arte e a cultura germânica (O TERCEIRO...).

No entanto, a produção intelectual dos mesmos existia em quantidade significativa, nas mais diversas áreas do conhecimento. Quer dizer, não bastaria só findar com o processo produtivo cultural dos judeus, ou então apenas censurar aquilo que já tivesse sido produzido. Para os nazistas, era importante ir mais fundo, começando com a rejeição e eliminação do que já existisse desse passado cultural judaico que impregnava a vida cultural da Alemanha.

Em abril do mesmo ano, já começaram a surgir manifestações do desejo dessa “limpeza” cultural. Em 6 de abril de 1933, a Associação Nazista Estudantil Alemã divulgou nacionalmente um Ato contra o Espírito Não Germânico a qual daria início às queimas de livros considerados inimigos do *volk* (povo alemão). Contudo, algumas queimas já haviam acontecido, em 26 de março na cidade de Stuttgart e de Kaiserslautern. Em 1 de abril na cidade de Wuppertal. Em 11 de abril, houve saque e destruição de livros em Düsseldorf. Em 2 de maio, em Leipzig. No dia 5 de maio, estudantes saquearam e queimaram livros pertencentes a biblioteca da Universidade de Colônia. No dia 6 de maio, a *Deutsche Studentenschaft* (União de Estudantes Alemães) invadiu o Instituto de Pesquisa Sexual em Berlim e recolheu meia tonelada em livros e folhetos da Biblioteca e do Arquivo (BÁEZ, 2006).

**Figura 1** - Estudantes alemães e Nazistas saqueando a biblioteca do Dr. Magnus Hirschfeld, Diretor do Instituto de Pesquisa Sexual de Berlim.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum, #01628

A queima mais conhecida do Terceiro *Reich*, e de certa forma, a mais simbólica, ocorreu no dia 10 de Maio de 1933, e é conhecida como “A grande Queima de 1933” realizada em Frankfurt. Polastron (2007, p. 180, tradução nossa<sup>11</sup>) nos diz que “Bibliotecários imediatamente começaram as preparações para a fogueira de 10 de maio enquanto a Liga do Combate pela Cultura Alemã enviou instruções para as associações estudantis com o propósito de livrar a Terra do veneno Judeu-Asiático.”

De acordo com Báez (2006)

O dia 10 de maio foi um dia agitado. Membros da Associação de Estudantes Alemães se acotovelaram na Biblioteca da Universidade Wilhelm von Humboldt e começaram a recolher os livros proibidos. Havia uma euforia inesperada, contagiante. [...] No total o número de livros ultrapassava 25 mil (BÁEZ, 2006, p. 243).

<sup>11</sup> Librarians immediately began making preparations for the bonfire of May 10 while the League of Combat for German Culture sent instructions to student associations for the purpose of ridding the land of “Judea-Asiatic poison”.

O local escolhido para realizar a queima foi a Opernplatz, uma casa de óperas de Frankfurt. Chegada a noite, uma delegação de estudantes desfilou vestindo seus uniformes, carregando tochas ao som das marchas de banda tocando ao fundo. Os bombeiros também participaram do evento, jogando gasolina na pira de livros e acendendo o fogo. Caminhões chegavam trazendo mais livros enquanto os estudantes recolhiam do caminhão e os atiravam ao fogo (POLASTRON, 2007).

**Figura 2** - Estudantes retirando os livros dos caminhões para jogá-los nas piras.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum, #45032

Sobre a responsabilidade desses atos, de acordo com Battles (2003), as queimas foram todas organizadas e produzidas pelos próprios estudantes. Já para Fishburn (2008, p. 31, tradução nossa<sup>12</sup>): “O empresário da noite era o Ministro da Propaganda - e outrora novelista - Joseph Goebbels”. No entendimento de Knuth (2003)

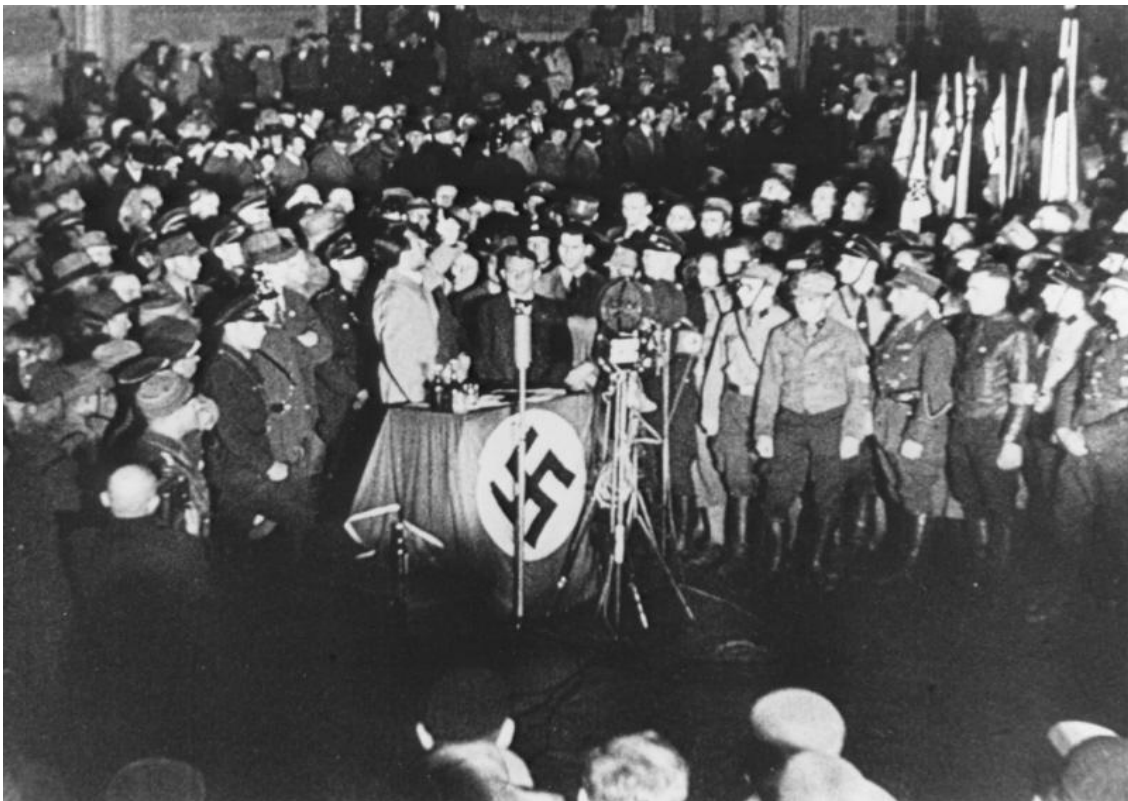
No que diz respeito às queimas de livros de 1933 que eletrificaram o mundo, foram os estudantes que foram manipulados a liderar a queimas de livros

<sup>12</sup> The impresario for the night was the propaganda minister – and erstwhile novelist – Joseph Goebbels.

através da apreensão dos livros das prateleiras de suas próprias universidades. Enquanto projetada para parecer como uma repudição espontânea por uma juventude ultrajada por tudo que estivesse espiritualmente doente, foi na verdade uma organizada, e administrativamente ditada “pira funeral do intelecto” (KNUTH, 2003, p. 95, tradução nossa<sup>13</sup>).

Joseph Goebbels, não compareceu a nenhuma outra queima anterior, mas confirmou sua presença nesse evento do dia 10 de maio, de modo que se organizou um púlpito improvisado com microfone em frente à Opernplatz, para que pudesse discursar para um grande número de pessoas. Como bom orador que era não teve dificuldades em fazer um discurso inflado, enaltecendo a cultura pura alemã em detrimento da judaica, e de diminuir intelectualmente quaisquer outros ideais que fossem de encontro com os que os nazistas pregavam.

**Figura 3** - Joseph Goebbels discursando em frente a Opernplatz em 10 de maio de 1933.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum, #85339B

<sup>13</sup> In regard to the 1933 book burnings that electrified the world, it was students “who were manipulated to spearhead the book burnings by seizing books from the shelves of their own universities” While designed to look like a spontaneous repudiation by an outraged youth, of all that was spiritually unhealthy, it was actually an organized, administratively dictated “funeral pyre of the intellect”.

Em seu discurso, ele rejeita a democracia de Weimar e comemora a nova fase política que a Alemanha vive. O discurso que o Ministro Joseph Goebbels fez para os jovens no momento da queima, em parte, foi o seguinte:

Meus compatriotas, estudantes, homens e mulheres alemães, a era do intelectualismo judeu chegou ao fim. O triunfo da revolução alemã abriu um caminho para o estilo alemão; e os futuros alemães não serão apenas homens de livros, mas homens de caráter, e é para este fim que queremos educá-los. Para que tenham, desde a mais tenra infância, a coragem de olhar diretamente nos olhos impiedosos da vida. Para repudiar o medo da morte e reconquistar o respeito por ela. Esta é a missão dos jovens, por isso vocês estão certos de, nesta hora tardia, entregar o lixo intelectual do passado às chamas. É uma forte, grandiosa e simbólica responsabilidade, uma responsabilidade que irá provar a todo o mundo que a base intelectual da República de Weimar está sendo derrubada agora; mas que a partir das ruínas irá crescer, vitorioso, o senhor de um novo espírito (QUEIMA de livros durante discurso de Goebbels).

Os nazistas fizeram desse ato um verdadeiro ritual de expurgo. De forma um tanto quanto teatral, pensaram em detalhes como vestimenta, música, e até mesmo prepararam o *Feuersprüche* (reivindicações de incêndio ou provérbios do fogo) que são de certa forma, frases de efeito negativo, ditas sobre determinadas obras as quais queriam eliminar na fogueira. As frases foram preparadas e pensadas para serem ditas ao jogar determinados livros no momento da queima. Uma das versões do *Feuersprüche* diz assim:

1. Contra a luta de classes e o materialismo. Pela comunidade nacional e por uma perspectiva idealista. Marx, Kautsky.
2. Contra a decadência e a dissolução moral. Pela disciplina e pela moralidade na família e no Estado. H. Mamm, Ernst Glaeser, E. Kästner.
3. Contra o cinismo e a perfídia política. Pela devoção ao povo e ao Estado. F.W. Förster.
4. Contra a degradante exageração da natureza animal do homem. Pela nobreza da alma humana. Escola freudiana. Jornal Imago.
5. Contra a falsificação de nossa história e a difamação de suas grandes figuras. Pelo deslumbramento diante de nosso passado. Emil Ludwig, Werner Hegemann.
6. Contra o jornalismo alienígena de cunho judaico-democrático. Pela participação responsável na obra de reconstrução nacional. Theodor Wolff, Georg Bernhard.
7. Contra a traição literária dos soldados da Guerra Mundial. Para educar a nação no espírito da prontidão militar. E. M. Remarque.

8. Contra a poluição opiniática da língua alemã. Pela preservação do bem mais precioso de nossa nação. Alfred Kerr.

9. Contra a arrogância e a presunção. Pela veneração e respeito ao imortal espírito nacional alemão. Tucholsky, Ossietzky.  
(BATTLES, 2003, p.166)

**Figura 4** – Estudante alemão atirando livros ao fogo.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum, #01622

A partir da leitura do *Feuersprüche*, podemos perceber uma crítica feroz aos autores e suas obras, de cunho político, social, linguístico, artístico, e diversos outros. Existe nesse discurso, uma grande exaltação do espírito coletivo nacional do povo alemão, onde claramente vemos todos os ideais do fascismo, que são exatamente a exclusão do individualismo em prol do povo com um todo. O *volk* alemão em sua superioridade, unido contra os “inimigos”.

Naquela noite de 10 de maio de 1933, estima-se que 20 a 25 mil livros foram queimados de acordo com Polastron (2007).

**Figura 5** – Alemães fazendo a saudação à Hitler em frente aos livros queimados em Opernplatz.



Fonte: Unites States Holocaust Memorial Museum, #31077

Para o dia 10 de maio, haviam sido marcadas outras queimas em outros locais, entretanto, nem todas acontecerem como previamente planejado pela Associação Estudantil. Algumas foram adiadas devido ao mau tempo. Parte delas acabou acontecendo somente no dia 21 de junho. Porém, no dia 10, em 34 cidades universitárias da Alemanha o “Ato contra o Espírito Não-Alemão” foi um sucesso, atraindo até uma ampla cobertura da mídia (QUEIMA de livros).

Segundo Knuth (2003)

Em resumo, a cultura alemã, a educação e a escolaridade existiam para servir o Nacional Socialismo. [...] Bibliotecas eram muito importantes para a sociedade alemã, e Goebbels, como um arquiteto de uma nova sociedade, celebrava a queima de livros como um símbolo de purificação revolucionária e uma iminente renascença cultural (KNUTH, 2003, p. 97, tradução nossa<sup>14</sup>)

<sup>14</sup> In short, German culture, education, and scholarship existed to serve National Socialism. [...] Libraries were very important to German society, and Goebbels, as architect of a new society, was celebrating the book burning as symbolic of revolutionary purification and an impending cultural renaissance.

Além de bibliotecas, as livrarias também passaram pela purgação nazista. Era preciso limpar a Alemanha de todo livro e material (documento, manuscrito e obras de arte) que expressasse racionalismo, materialismo, igualitarismo, parlamentarismo, pacifismo, tolerância e modernismo (KNUTH, 2003).

Devido aos poderes que o Governo agora possuía, a polícia invadia casas e confiscava livros considerados perigosos (especialmente os de cunho judaico e socialista). Tudo era revistado, inclusive documentos pessoais e financeiros. Bibliotecas pessoais, grandes ou pequenas passavam pela seleção nazista. Para os judeus, as queimas de livros que aconteciam pela Alemanha inteira, serviram de alerta para reafirmar o perigo que corriam nas mãos dos nazistas, e com medo, muitos começaram a queimar seus próprios livros (KNUTH, 2003).

No entanto, os judeus descobriram o quão difícil e lento pode ser esse processo de queima. De acordo com Battles (2003)

Os que realmente tentaram queimar seus livros, logo descobriram que isso não podia ser feito rapidamente nem com facilidade. Grossos maços de papel têm que ser divididos para que o ar e as chamas consumam as folhas em separado. Caso contrário, os maços ficam apenas chamuscados nas bordas. Queimar volumes grandes em fornos ou lareiras era um trabalho tedioso, que demandava tempo (HILL, 2001<sup>15</sup>, apud BATTLES, 2003, p. 168).

Alguns jogavam seus livros sobre pontes, os deixavam em bosques, ou então os enviavam em pacotes pelo correio para endereços inventados. Mais do que quaisquer outros livros, os da religião judaica eram facilmente reconhecíveis até pelo nazista mais leigo, pelo fato de eles serem escritos, na sua maioria, em hebraico (POLASTRON, 2007). A intenção era se livrar de seus livros, para que não sofressem represálias por parte da polícia nazista ao serem confiscados.

#### 4.1 BIBLIOTECÁRIOS ALEMÃES: COLABORAÇÃO OU COERÇÃO?

Os bibliotecários também, por mais surpreendente que seja, trabalharam ativamente nesse trabalho de “limpeza”. É de se esperar que num governo onde a censura predomine, os locais que prezam pelo livre pensamento e liberdade de expressão sejam os primeiros a sofrerem mudanças. A biblioteca, como esse grande

---

<sup>15</sup> HILL, Leonidas E. The Nazi Attack on “Un-German” Literature, 1933– 1945. In: ROSE, Jonathan (Ed.). **The Holocaust and the Book**. Amherst: University of Massachusetts Press, 2001, p. 9-46.



palácio da diversidade de ideias, querendo ou não, teria que se adequar aos nazistas, tornando-se apenas um repositório de seus princípios. Em concordância, Knuth (2003) diz que na Alemanha nazista,

[...] bibliotecários eram esperados para funcionar contra os ideais normais de sua profissão. Bibliotecários, que tinham sido mergulhados no humanismo foram reformulados em censores e agentes da propaganda [...] bibliotecas converteram-se de instituições culturais que servem o indivíduo, para uma ferramenta política que serve os objetivos do *volk* (KNUTH, 2003, p. 89, tradução nossa<sup>16</sup>).

As bibliotecas públicas e universitárias eram purgadas dos materiais indesejáveis para os nazistas, sendo esse processo de queima e de censura, vendido como uma medida higiênica. A germanização da literatura que Hitler e Goebbels queriam alcançar no país, só seria bem sucedida se as pessoas responsáveis pela aquisição e disponibilização de livros (bibliotecários e livreiros) trabalhassem nos conformes do nazismo. Por isso, Partido Nazista realizava cursos para muní-los com a “atitude apropriada” frente à literatura. De acordo com Knuth (2003)

Havia “listras negras” (*Schwarze Listen*) para o propósito da remoção de livros, e as “listas brancas” para guiar as aquisições das bibliotecas. O plano era purificar as coleções, manter essa pureza controlando as publicações, e expandir o acesso a materiais “saudáveis” através da construção de mais bibliotecas (KNUTH, 2003, p. 89, tradução nossa<sup>17</sup>).

Tudo era planejado de forma organizada pelos nazistas. A transformação cultural que buscavam foi esquematizada e posta em prática com todos os detalhes pensados e o controle dos livros e das bibliotecas era visto como o elemento chave para conseguir o que queriam (KNUTH, 2003).

Cerca de 10% das coleções de bibliotecas públicas alemãs foram colocadas nas listas negras. Mesmo extremamente rigorosas em seguir as listas elaboradas, algumas bibliotecas públicas superaram as expectativas dos censores nazistas. Em 1938, a biblioteca pública de Munique havia eliminado 76% da coleção que possuía em 1934. Havia uma legislação que estava sendo revisada que “protegia” os

<sup>16</sup> [...] librarians were expected to function counter to the normal ideals of their profession. Librarians, who had been steeped in humanism, were recast as censors and propaganda agents [...] libraries converted from cultural institutions serving the individual to political tools serving the collective goals of the *volk*

<sup>17</sup> There were “black lists” (*Schwarze Listen*) for the purposes of book removals, and “white lists” to guide library acquisitions. The plan was to purify collections, maintain this purity by controlling publication, and expand access to “healthy” materials by building more libraries.

menores de idade da literatura obscena. O Governo passava a idéia de que os cidadãos agora estivessem precisando de ajuda para se proteger da literatura. A censura começou a endurecer cada vez mais, e agora não somente as “obscenidades” eram alvo de repreensão, mas tudo aquilo que fosse considerado contrário à ideologia nazista. Bibliotecas acadêmicas não sofreram tanto com as medidas higiênicas, porém seu acesso era limitado àqueles que eram filiados ao Partido Nazista (KNUTH, 2003).

Nas bibliotecas escolares, não menos que três - quartos dos bibliotecários que as dirigiam deixaram suas posições ou então foram forçados a sair durante os cinco anos seguintes. Os bibliotecários que restavam deveriam seguir de acordo com as normas do regime e retirar das prateleiras os livros escritos pelos judeus, marxistas, pacifistas e outros que promovessem visões democráticas. As instituições culturais transformavam-se, tendo seus valores iluministas retirados e tendo os valores do nazismo sendo implantados à força (KNUTH, 2003).

É difícil dizer quantos bibliotecários realmente se curvaram ao nazismo, acreditaram na sua ideologia e aplicaram suas “regras” acreditando que estavam trabalhando em prol de algo bom, e quantos descreditavam no nazismo, mas foram forçados a seguir à risca as ordens que lhes foram impostas (KNUTH, 2003). Para Polastron (2007, p. 184, tradução nossa<sup>18</sup>) “O domínio sobre as bibliotecas públicas do Terceiro *Reich* foi muito extenso porque um grande número de seus diretores notáveis queria permanecer em seus postos ou evitar a interrupção de suas pesquisas”.

Recém o fervor das queimas de 1933 tinha se extinguido, quando Goebbels não perdendo tempo inaugurou “o livro, arma da mente alemã”, uma campanha de incentivo a escrita e leitura de livros propriamente alemães e nazistas (POLASTRON, 2007). Sobre isso, Battles (2003) explica que

Os nazistas não apenas destruíram bibliotecas, mas também as construíram, à sua própria maneira. Era como se a destruição de tantos livros e a censura a tantas obras literárias tivesse criado um espaço vazio que deveria ser preenchido – ou, pelo menos maquiado – com um simulacro composto por uma literatura autenticamente nazista produzida sob o mais estrito controle ideológico (BATTLES, 2003, p. 169).

---

<sup>18</sup> The stranglehold on the Third Reich's public libraries was all the greater because a large number of their noteworthy directors wanted to remain at their posts in order to extend their work or avoid interruption of their scholarly research

Ou seja, todo aquele vazio gerado pelos milhares de livros judaicos retirados das prateleiras ao longo do ano de 1933, deveria ser preenchido. Aproveitou-se o espaço para recheá-lo com todo o tipo de literatura de propaganda, desde livros científicos a históricos que corroborassem com a disseminação nazista em todas as áreas de conhecimento, e voltada para todas as idades (POLASTRON, 2007).

O impacto que as queimas de 1933 produziram foi enorme. Em uma entrevista a um jornalista Freud falou que tal fogueira era um avanço na história humana: “Na Idade Média eles teriam me queimado. Agora eles se contentam em queimar meus livros [...]”. Destruíram, aproximadamente, livros de 5.500 autores. Os livros judaicos foram considerados “inimigos do povo” e estavam proibidos na Alemanha (BÁEZ, 2006).

A influência cultural judaica foi varrida de praticamente todas as principais instituições culturais do país. As bibliotecas tiveram seus livros queimados e censurados, as publicações de cunho judaico foram forçadas a parar, e os artistas e educadores judeus não tinham mais permissão de seguir trabalhando (KNUTH, 2003). A cultura judaica ocultou-se na tentativa de autopreservação, e acabou esmorecendo no meio de toda essa barbárie.

A destruição dos livros judaicos ocorreu primeiramente dentro da Alemanha com o intuito reeducar e realinhar o pensamento dos alemães de sangue puro, alimentando-os intelectualmente somente com materiais permitidos pelos nazistas. Já para os alemães judeus, a queima era um simbolismo daquilo que os nazistas queriam fazer desde o início – destruir sua alma para depois destruir o seu corpo.

Esses atos, no entanto, não ficaram limitados à Alemanha por muito tempo. Conforme os nazistas foram anexando territórios, essas mesmas operações foram se estendendo a outras nações de forma totalmente imposta pelos nazistas, conforme veremos a seguir.

## 5 O AVANÇO NAZISTA NA EUROPA E AS PILHAGENS

No ano de 1934, Hitler nomeou Alfred Rosenberg para a posição de *Reichsleiter* (Ministro) de modo que ele pudesse cuidar da supervisão de toda educação intelectual e treinamento do Partido Nazista. Rosenberg era um dos ideólogos do Partido. Publicou um livro sobre a teoria racial chamado “O Mito do Século XX” que fala sobre a teoria das raças e o fator da questão judaica através da visão nazista. A partir da construção de diversos escritórios subordinados, Rosenberg ficava responsável pela organização e fiscalização das áreas de ciências, artes, cultura e educação na Alemanha (RAVEN, 2004).

Em 1939 é criado o “*Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg*” (Grupo operacional/ Força tarefa do Ministro Rosenberg), ao qual foi dada a autoridade de inspecionar todas as bibliotecas e demais estabelecimentos culturais em busca de materiais que fossem considerados inadequados com a ideologia nazista. O *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg* (ERR) primeiramente atuou dentro dos limites da Alemanha, fazendo vista grossa sobre os materiais à disposição dos alemães. Porém, a ideia de germanificação ia crescendo conforme Hitler ia anexando outros territórios à Alemanha e então sua atuação se expandiu a esses países ocupados. (POLASTRON, 2007).

Em janeiro de 1940, Rosenberg recebeu uma ordem direta de Hitler para fundar uma Universidade Nazista (Die Hohe Schule) para ser inaugurada depois da guerra. Essa universidade teria todos os seus departamentos voltados para o estudo do judaísmo, maçonaria, comunismo e biologia racial. De acordo com Polastron (2007, p. 194, tradução nossa<sup>19</sup>) essa universidade teria o propósito de fazer “o estudo crítico das fundações espirituais e táticas dos nossos adversários ideológicos”. Em março de 1941, Rosenberg criou o coração do projeto desta universidade: O Instituto de Exploração da Questão Judaica (Erforschung der Judenfrage) (POLASTRON, 2007).

Os materiais que comporiam a coleção da Biblioteca do Instituto seriam coletados dentro da Alemanha pelo ERR (dentre os que restaram das queimas de 1933) e posteriormente “coletados” dos países anexados e invadidos. A intenção era montar a maior biblioteca sobre a questão judaica do mundo, com livros,

---

<sup>19</sup> "the critical study of the spiritual foundations and tactics of our ideological adversary."

manuscritos e documentos raros e valiosos, que contassem absolutamente tudo o que os nazistas precisassem saber sobre a cultura e a “natureza” de seus inimigos.

Existiam então, duas linhas de ação dentro da Alemanha para lidar com os artefatos culturais e suas respectivas instituições. Enquanto Goebbels, como *Reichsleiter* da Propaganda, foi o responsável pela “limpeza” e censura de conteúdos considerados inimigos do *volk*, Rosenberg era responsável por manter o trabalho iniciado por Goebbels, só que em vez de atirar às fogueiras com todos os livros indesejados, ele os selecionava e os reunia em prol da criação de uma instituição de grande porte para estudos nazistas (POLASTRON, 2007).

Rosenberg pretendia criar a biblioteca do Instituto em Berlim. Porém, o prefeito de Frankfurt, Friedrich Krebs lhe enviou uma carta, oferecendo a coleção de 40 mil livros da coleção judaica da Biblioteca da cidade de Frankfurt, para colocar à disposição do Partido e do *Reich* se o Instituto de Exploração da Questão Judaica fosse estabelecido na cidade. Segundo Raven (2004, p. 220, tradução nossa<sup>20</sup>) o prefeito esclareceu que “A coleção se desenvolveu em um tempo em que a política e a cultura de Frankfurt mantiveram-se sob influência judaica, mas em nossos dias, ela oferece a oportunidade única para a pesquisa do judaísmo e da questão judaica”. A coleção da biblioteca de Frankfurt era ilustre, haja vista que desde o século XIX, ela havia sido fortemente apoiada pela comunidade judaica que ali vivia (RAVEN, 2004).

Rosenberg com sua autoridade ordenou que “todos os arquivos e propriedades científicas pertencentes aos nossos oponentes ideológicos devem ser colocados a minha disposição” (POLASTRON, 2007, p. 184, tradução nossa<sup>21</sup>). Essa operação nem sempre foi tão organizada e eficiente quanto deveria ser, pois para isso era necessário os oficiais que entendessem sobre judaísmo e que tivessem um conhecimento considerável acerca do conteúdo dos materiais e sua raridade, para selecionar apenas aquilo que pudesse interessar a Rosenberg (POLASTRON, 2007).

Rosenberg contava com a ajuda de um especialista para a seleção dos materiais. Johannes Pohl havia estudado em Jerusalém exatamente com o propósito de auxiliar o ERR na triagem dos materiais para o acervo do Instituto, atuando nos

---

<sup>20</sup> The collection developed in a time when Frankfurt’s political and cultural life stood under Jewish influence, but in our day it offers a unique opportunity for research on Judaism and the Jewish question.

<sup>21</sup> "all archives and all scientific property belonging to our ideological opponents be placed at my disposal."

países ocupados. Ele era extremamente crítico e apenas escolhia os melhores materiais. Diferente dos demais oficiais leigos, que escolhiam livros geralmente por seus aspectos físicos, como por exemplo, o tipo de encadernação, Pohl realmente entendia sobre judaísmo, seus autores e sobre a produção cultural dos mesmos pela Europa. Segundo Polastron (2007)

Na Lituânia, somente vinte mil livros entre cem mil eram bons o suficiente para ele; o resto era transformado em papel reciclado. Na Thessalonica, ele poderia ser encontrado em um ninho de bibliotecas e livrarias que haviam sobrevivido desde os tempos que Don Gedalya fundou sua editora de livros Hebraicos e Ladinos perto de 1513 [...] Pohl deixou instruções e confiou num grupo que consistia em um poeta, um policial e um tradutor Armênio. O espólio: dez mil seleções de primeira linha. Destino: Frankfurt. [...] Graças aos esforços de Pohl e Rosenberg, a mais formidável coleção de documentos em Hebraico do mundo judaico já reunido, estava dividido entre Poznan, Berlim e Frankfurt (POLASTRON, 2007, p. 195, tradução nossa<sup>22</sup>).

O diretor do Instituto da Exploração da Questão Judaica, Wilhelm Grau, falava orgulhoso do acervo crescente de 350 mil volumes. Através da política cultural imposta no ano de 1940, Rosenberg já havia retirado importantes acervos das bibliotecas alemãs, que serviriam para a composição da Biblioteca do Instituto. As inspeções e apreensões feitas nos territórios invadidos, também já iam ocupando os seus lugares nas prateleiras. Entre eles constavam manuscritos, incunábulos e primeiras edições raras (RAVEN, 2004). Rosenberg, em março de 1941 fez um discurso na abertura da biblioteca:

A biblioteca do Instituto da Exploração da Questão Judaica de Frankfurt que abre hoje já abriga um grande número de documentos importantes para a história do judaísmo e para o desenvolvimento político de toda a Europa. Essa biblioteca já é a maior no mundo acerca do judaísmo. Nos próximos anos ela vai crescer de uma maneira mais decisiva (RAVEN, 2004, p. 222, tradução nossa<sup>23</sup>).

---

<sup>22</sup> In Vilnius only twenty thousand books out of one hundred thousand were good enough for him; the rest were made into pulped paper. In Thessalonica, he could be found in a nest of libraries and bookstores that had survived since the time don Gedalya founded his publishing house of Hebrew and Ladino books around 1513. [...] Pohl left his instructions and trust with a crew that consisted of a poet, a policeman, and an Armenian translator. The booty: ten thousand first-rate selections. Destination: Frankfurt. [...] Thanks to the efforts of Pohl and Rosenberg, the most formidable collection of documents in Hebrew or on the Jewish world ever gathered together was divided up among Poznan, Berlin, and Frankfurt.

<sup>23</sup> The library of the Frankfurt Institute for the Study of the Jewish Question which opens today already houses a great number of documents important for the history of Judaism and for the political development of all of Europe. This library is already the largest in the world dealing with Judaism. In the coming years it will be enlarged in a most decisive way.

Conforme a Alemanha ia anexando e invadindo outros países, segundo o avanço da Segunda Guerra Mundial, as coleções judaicas das bibliotecas públicas e privadas desses países eram brutalmente saqueadas e destruídas. De acordo com Knuth (2003)

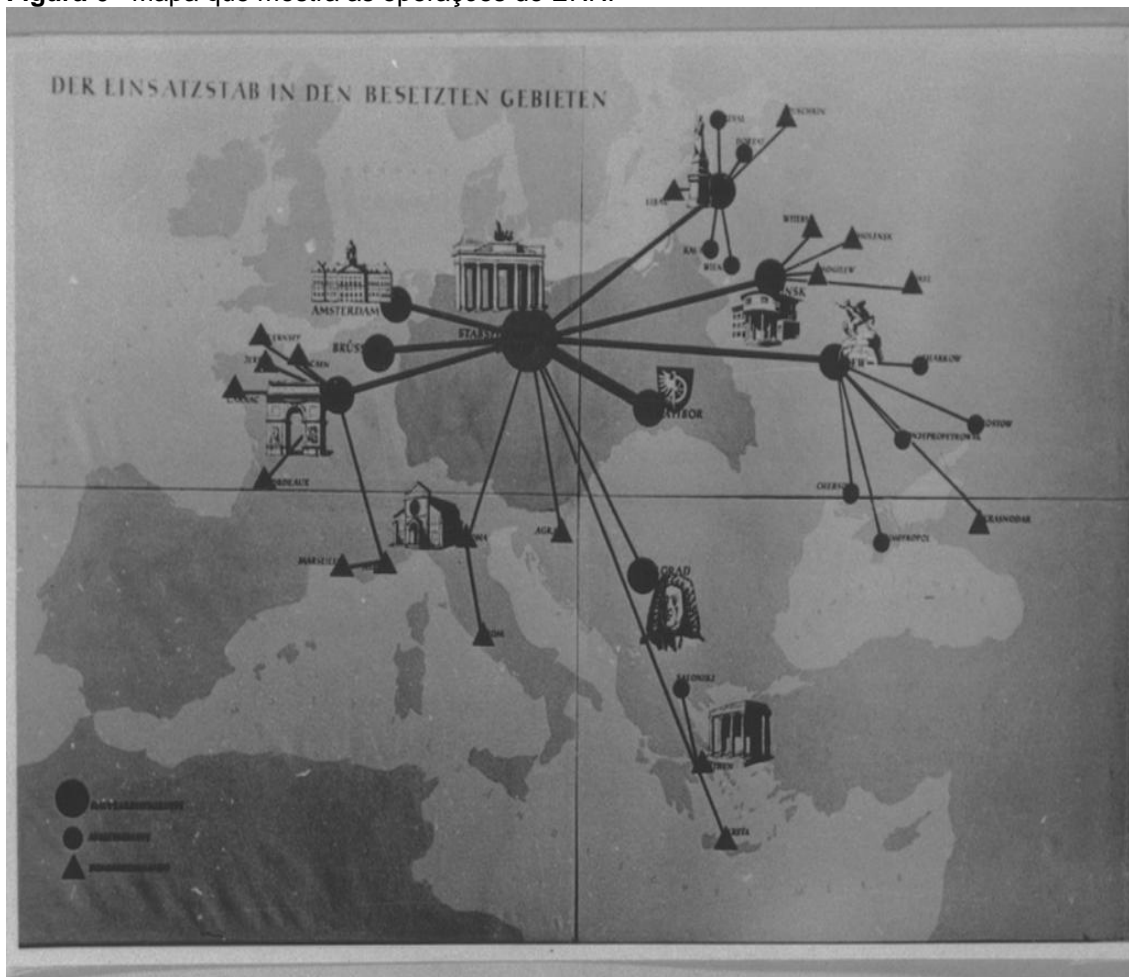
[...] os alemães iam atrás de bibliotecas judaicas que pertenciam a institutos de educação superior, seminários rabínicos, instituições de educação e pesquisa, sinagogas e organizações de jovens. Os alemães reivindicavam os materiais judaicos nas coleções de âmbito municipal, estadual e universitário. Atenção especial era dada a bibliotecas pessoais de judeus ricos, especialmente os acadêmicos e bibliófilos (KNUTH, 2003, p. 92-93, tradução nossa<sup>24</sup>).

Pelo ano de 1943, as pilhagens realizadas nas bibliotecas de outros países permitiram a acumulação de cerca de 550 mil livros, sendo que esse número representa apenas metade do que já havia sido de fato obtido, pois muitos livros ainda estavam em transporte para o Instituto na Alemanha (POLASTRON, 2007). Entre o ano de 1940 e 1945, o ERR, realizou diversas pilhagens em bibliotecas de diversos países. Eles levaram seus saques e dividiram entre a Biblioteca do Instituto e distribuíram outros exemplares a algumas bibliotecas institucionais e acadêmicas (RAVEN, 2004).

---

<sup>24</sup> [...] the Germans went after Jewish libraries that were connected with institutes of higher learning, rabbinical seminaries, educational and research institutes, synagogues, and youth organizations. The Germans laid claim to Jewish materials in municipal, state, and university collections. Special attention was paid to the personal libraries of rich Jews, especially scholars and bibliophiles.

**Figura 6**– Mapa que mostra as operações do ERR.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum

No presente trabalho, exploraremos os quatro casos mais violentos realizados pelo *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg* no que tange a invasão, saques e destruição de livros: Os Sudetos, a Polónia, Os Países Bálticos e a União Soviética.

### 5.1 OS SUDETOS

A partir da Conferência de Munique, realizada em 1938, a Alemanha invadiu o território dos Sudetos. Esse foi o primeiro local onde os alemães começaram com a implementação do sistema de germanificação da cultura e de saque das instituições culturais, para a composição do acervo do Instituto de Exploração da Questão Judaica. Todo material selecionado era reunido e enviado para Frankfurt (KNUTH, 2003).



Em 1942, um decreto foi aprovado no qual todas as bibliotecas universitárias eram forçadas a entregar para o exército alemão quaisquer obras antigas e raras que estivessem sob sua posse. Os nazistas procuravam especificamente obras judaicas e de autores tchecos, sendo eles contemporâneos ou os do século XV como o reformista Jan Hus e o poeta Victor Dieck. Não somente esses livros eram retirados das prateleiras das bibliotecas, mas também todas as traduções em inglês, francês e russo, o que deixou vazias cerca de 411 coleções (POLASTRON, 2007). Somente as traduções em alemão eram permitidas, de modo que fomentasse o estudo da língua alemã.

Além disso, bem como estava sendo feito na Alemanha, quaisquer outros materiais que estivessem em desalinho com a ideologia nazista eram retirados das prateleiras e destruídos. Muitos desses livros que eram considerados “lixo” pelos alemães, foram utilizados como matéria-prima para as fábricas de papel. No geral, a perda de materiais como livros, documentos, manuscritos, incunábulo entre outros, aproximou-se de 2 milhões. Esse número equivale a cerca de metade das Bibliotecas e arquivos tchecos. No geral, valiosas e importantes coleções foram saqueadas das bibliotecas dos Sudetos. Cerca de 38 bibliotecas monásticas e 42 museus, bibliotecas e arquivos especiais passaram pelas mãos dos alemães (KNUTH, 2003).

## 5.2 POLÔNIA

Com o aumento do espaço alemão através da anexação de territórios dos Sudetos, o apetite de Hitler acerca de outros territórios cresceu ainda mais. Tendo como propósito a união de todos os povos falantes de língua alemã das regiões próximas, ele invadiu a Polônia em 1939. Os poloneses posicionaram-se contra a invasão e conseguiram, inicialmente, manter uma defesa. Revoltados com a situação, os alemães, que não aceitavam a ideia de serem parados por pessoas que consideravam inferiores, responderam aos poloneses com grande violência (KNUTH, 2003).

Acerca do pensamento alemão quanto às outras nações, Henrich Himmler, o líder da SS (*Schutzstaffe*, quer dizer Tropa de proteção), declarou sua opinião que bem representou as atitudes nazistas perante as demais pessoas: “Se outras nações vivem em prosperidade ou morrem de fome, interesse-me somente na

medida em que precisamos deles como escravos da nossa cultura...” (KAMENETSKY<sup>25</sup>, 1961, apud KNUTH, 2003, p. 87, tradução nossa<sup>26</sup>).

Após a invasão, Marshall Hermann Goering, um dos oficiais nazistas, anunciou o confisco de todas as propriedades do Governo Polonês em benefício do Estado Alemão. Em dezembro de 1939, na Polônia, Arthur Greiser membro da SS que ficou responsável pela Administração civil de Poznan (cidade polonesa), publicou uma ordem a qual todas as bibliotecas públicas, privadas e institucionais deveriam obedecer. Depois do decreto publicado, todas as coleções e itens de museus foram submetidos às autoridades alemãs, de modo que pudessem selecionar os materiais que lhe interessassem e mandassem para Berlim para compor a Biblioteca do Instituto. O que não ia pra Berlim, era enviado para Poznan onde iriam fundar uma biblioteca estadual não-Polonesa, com materiais alemães condizentes com o nazismo, de modo que a germanificação pudesse se estabelecer na Polônia. A Biblioteca do Parlamento Polonês foi praticamente toda removida para a Alemanha. O restante dos livros e documentos que sobraram, viravam papel de reciclagem. Isso aconteceu em 102 bibliotecas, de Cracóvia à Varsóvia. Já os arquivos da diocese de Pelilin, a qual tinha uma grande quantidade de manuscritos do século XII, acabou tendo suas preciosidades usadas para aquecer os fornos de uma refinaria de açúcar (POLASTRON, 2007; KNUTH, 2003).

Contudo, depois de uma série de remoções realizadas pelos nazistas, a Polônia começou a se opor, argumentando que eles também precisariam de coleções e materiais para apoiar as novas instituições de ensino alemãs na Polônia. Apesar do fato de que alguns livros científicos e universitários foram preservados pelos alemães (pensando apenas no uso da germanificação da Polônia), muitos livros foram removidos ou destruídos, e até mesmo substituídos por versões de tradução alemã (KNUTH, 2003).

Em 1941, quatro Staatsbibliotheken (Bibliotecas estaduais de padrão nazista) foram estabelecidas em Cracóvia, Varsóvia, Lublin e Lvov com intuito de servir como “o novo baluarte do trabalho intelectual dos alemães ao mais extremo do sudoeste”

---

<sup>25</sup> KAMENETSKY, Ihor. **Secret Nazi Plans for Eastern Europe: A Study of Lebensraum Policies.** New Haven, Connecticut: College and University Press, 1961

<sup>26</sup> “Whether other nations live in prosperity or starve to death interests me only insofar as we need them as slaves for our Kultur. . .”

(SROKA, 1999<sup>27</sup>, apud KNUTH, 2003, p. 87, tradução nossa<sup>28</sup>). As bibliotecas privadas eram removidas para a Alemanha, ou então saqueadas e destruídas. Esses atos eram feitos com a intenção de esmorecer cada vez mais a classe culta polonesa. As bibliotecas escolares também serviam de antro de destruição para os nazistas, que de acordo com sua linha de raciocínio, as crianças polonesas não precisariam de livros, pois apenas teriam alguns anos de estudos, o suficiente para saberem escrever seus nomes, contar até 500 e tornarem-se totalmente obedientes ao Estado Alemão. Quaisquer outros gastos em ensino com estas crianças eram considerados desperdício, pois, segundo os alemães, não usariam mais que isso em suas vidas de agora em diante (KNUTH, 2003).

A indústria editorial polonesa foi interrompida. As bibliotecas públicas foram sendo pilhadas e destruídas. Para completar o quadro de guerra contra a cultura polonesa, foram tomadas medidas para que não restassem intelectuais na Polônia. Os nazistas cometiam assassinatos em massa de professores, escritores e demais classes educadas que poderiam promover alguma liderança ou movimento de resistência ao nazismo (KNUTH, 2003). “Dois mestres não podem existir lado a lado, e é por isso que todos os membros da inteligência Polonesa devem ser assassinados” disse Hitler (GROSS, 1979<sup>29</sup>, apud KNUTH, 2003, p. 89, tradução nossa<sup>30</sup>).

De acordo com o Governador General Frank, “O Fuhrer me disse: ‘o que nós agora reconhecemos na Polônia como a elite, deve ser liquidada; nós devemos estar atentos às sementes que começam a brotar novamente de modo que possamos eliminá-las de novo em tempo. Em Bydgoszcz, fazia parte da rotina diária ficar em volta de padres, juizes, advogados, professores, comerciantes, industriais, trabalhadores e líderes de sindicato, e atirar neles na praça da cidade - no fim, foram 10.000 no todo. ‘Na minha área’, declarou um administrador Nazista, ‘qualquer um que mostrar sinais de inteligência será baleado’. Na Universidade da Cracóvia, 167 professores, assistentes e instrutores poloneses que foram convidados para comparecer a uma palestra sobre políticas nazistas, ficaram impressionados com o Serviço Secreto; muitos morreram em cativeiro. No geral, a Polônia perdeu cerca de 40 por cento dos seus professores (KNUTH, 2003, p. 88-89, tradução nossa<sup>31</sup>).

<sup>27</sup> SROKA, Marek. **The University of Cracow Library Under Nazi Occupation: 1939–1945.** Libraries & Culture, 1999.

<sup>28</sup> “new bulwark of German intellectual work in the outermost Southeast”

<sup>29</sup> Gross, Jan Tomasz. 1979. **Polish Society Under German Occupation: The General government, 1939–1944.** Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

<sup>30</sup> “Two masters cannot exist side by side, and this is why all members of the Polish intelligentsia must be killed,”

<sup>31</sup> According to Governor General Frank, “The Fuhrer told me: ‘what we have now recognized in Poland to be the elite must be liquidated; we must watch out for the seeds that begin to sprout again, so as to stamp them out again in good time’” . In Bydgoszcz, it was part of daily routine to

O confisco e destruição material de livros e documentos, a desmembração e aniquilação do sistema educacional, a morte das pessoas intelectuais e influentes, tudo foi calculado para que os Poloneses se tornassem apenas “peões”, escravos intelectuais e força braçal da Alemanha nazista (KNUTH, 2003).

As tarefas realizadas pelos nazistas na Polônia, mesmo as mais cruéis, eram feitas com certo grau de satisfação. Sobre a queima da Grande Biblioteca Talmúdica do Seminário Teológico Judeu em Lublin, um soldado nazista afirmou

Para nós é uma questão de orgulho especial destruir a Biblioteca Talmúdica que é conhecida como a maior na Polônia... nós jogamos os livros para fora do prédio da Biblioteca e levamos até o mercado. Lá nós colocamos fogo nos livros. O fogo durou por vinte horas. Os judeus de Lublin estavam ao redor e choravam amargamente. O choro deles quase nos silenciou. Então, nós convocamos a banda militar e alegres gritos dos soldados silenciaram os sons do choro judeu (SHAFFER, 1964<sup>32</sup>, apud KNUTH, 2003, p. 84<sup>33</sup>).

Conforme os guetos foram sendo formados na Polônia e os judeus foram sendo enviados para lá, centenas de milhares de livros tiveram que ser deixados para trás. Desses livros, aqueles que não serviam ao Instituto eram queimados pelos nazistas. Nas cidades de Bedzin e Poznan as sinagogas foram queimadas por esquadrões especiais. A tarefa da destruição de livros, de cidades e cidadãos poloneses judeus não era nada fácil, pois havia muitas sinagogas e cada família judaica tinha no mínimo um número considerável de livros. Para os judeus poloneses, as bibliotecas eram “a mais importante e secular instituição do centro da vida judaica jovem” (SHAVIT, 1997<sup>34</sup>, apud KNUTH, 2003, p. 84, tradução nossa<sup>35</sup>).

O caso da Polônia é comparativamente o mais sério de todos os países saqueados: mais de 16 milhões de volumes, de 70 a 80 por cento do total do país desapareceu das bibliotecas públicas e o resto foi reunido em um único arquivo, onde eles perderam sua identidade. Metade dos impressores fechou

---

round up priests, judges and lawyers, professors and teachers, merchants and industrialists, and worker and peasant leaders and gun them down in the town square—in the end, some 10,000 in all. “In my area,” declared one Nazi administrator, “whoever shows signs of intelligence will be shot”. At the University of Cracow, 167 Polish professors, assistants, and instructors who had been invited to attend a lecture on Nazification policies were imprisoned by the Secret Service; many died in captivity. Overall, Poland would lose 40 percent of her professors.

<sup>32</sup> SHAFFER, Kenneth R.. **The Conquest of Books**. Library Journal 71, 1946. p. 82–85

<sup>33</sup> For us it was a matter of special pride to destroy the Talmudic Academy which has been known as the greatest in Poland. . . . We threw out of the building the great Talmudic Library and carted it to market. There we set fire to the books. The fire lasted for twenty hours. The Jews of Lublin were assembled around and cried bitterly. Their cries almost silenced us. Then we summoned the military band, and the joyful shouts of the soldiers silenced the sounds of the Jewish cries.

<sup>34</sup> SHAVIT, David. **Hunger for the Printed Word: Books and Libraries in the Jewish Ghettos of Nazi-Occupied Europe**. Jefferson, North Carolina: McFarland, 1997.

<sup>35</sup> For Polish Jews, libraries had been the most important secular institution and the center of Jewish youth life

suas portas. Por cinco anos nem uma única publicação foi autorizada [...] (POLASTRON, 2007, p. 185, tradução nossa<sup>36</sup>).

Antes da invasão nazista em 1939 a Polônia abrigava 251 bibliotecas judaicas, que juntas reuniam cerca de 1.650.000 (um milhão, seiscentos e cinquenta mil) volumes, ou seja, era um dos países de toda Europa com um acervo tão grande sobre judaísmo. Em outras instituições de grande porte, como a grande sinagoga de Varsóvia, seus documentos, manuscritos e arquivos foram roubados e destruídos (POLASTRON, 2007).

Em 1944 depois de uma rebelião em Varsóvia e durante a recuada dos Alemães do território polonês, os nazistas começaram a atear fogo nas bibliotecas de maior prestígio do país, de maneira que não deixassem nada de importância cultural para trás (KNUTH, 2003).

A Biblioteca Nacional perdeu praticamente quase todos os seus 700.000 volumes; a Biblioteca Central Militar, contendo 350.000 livros referentes a história da Polônia foi totalmente destruídos. Um milhão de livros foram perdidos da Biblioteca da Universidade de Varsóvia, e muitas das bibliotecas especiais e de pesquisa foram destruídas (BILINSKA, 1946<sup>37</sup>, apud, KNUTH, 2003, p. 98-99, tradução nossa<sup>38</sup>).

Na véspera da evacuação, as principais prateleiras da Biblioteca Pública da Varsóvia foram queimadas; a biblioteca abrigava 300 mil livros e funcionava como uma rede nacional de agências de bibliotecas infantis. Depois que a guerra acabou, estima-se que dois-terços da biblioteca foi perdida. A perda não foi completa porque funcionários da biblioteca conseguiram esconder por volta de 125 mil livros antes da queima.

Alguns acadêmicos estimam que, no seu total, a Polônia perdeu 90% de seus livros nos ataques a bibliotecas escolares e públicas durante a ocupação alemã. De suas coleções especializadas e privadas, perderam de 70 a 80%. Das coleções científicas, perderam cerca de 55%. De acordo com outras estimativas, 15 milhões

---

<sup>36</sup> The case of Poland is comparatively the most serious of all the plundered countries: 17 More than sixteen million volumes, 70 to 80 percent of the country's total, vanished from the public libraries, and the rest were gathered into a single archive, where they lost their identity. Half of the country's printers shut their doors. For five years not a single publication was authorized [...]

<sup>37</sup> BILINKSA, Helena. 1946. **Poland Faces Intellectual Famine**. Library Journal 71, v. 4, 1946.

<sup>38</sup> The National Library lost nearly all of its 700,000 volumes; the Central Military Library, containing 350,000 books concerning the history of Poland, was totally wrecked. One million books were lost from the university library in Warsaw, and many research and special libraries were destroyed

de um total de 22,5 milhões de livros das bibliotecas foram destruídos (KNUTH, 2003).

### 5.3 PAÍSES BÁLTICOS

Em Agosto de 1941, Rosenberg emitiu uma ordem para que a região dos Países Bálticos (Lituânia, Letônia e Estônia) fosse ocupada e que as autoridades pertencentes ao *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg* que estivessem no país, realizassem o confisco dos bens culturais. As tropas alemãs entraram em Vilna (capital da Lituânia) em 24 de junho de 1941. Depois de dois dias de bombardeamento, diversos judeus fugiram da cidade em direção ao interior da União Soviética. Contudo, a grande maioria não tinha a alternativa de fugir e tiveram que ficar no país. Em setembro, cerca de 19 mil judeus foram presos e levados para fora da cidade e assassinados. Os judeus que restaram (39 mil) foram obrigados a mudar-se para pequenos guetos (RAVEN, 2004).

Vilna é uma cidade onde floresceu, desde o século XV, uma rica comunidade judaica, e acabou por tornar-se centro de escolas rabínicas e bibliotecas, chegando a ganhar o título de “Jerusalém da Lituânia”. Dentre as bibliotecas de maior importância no que diz respeito à riqueza e ao tamanho das coleções, podemos citar as seguintes: Strashun, YIVO, e a Mefitse Haskala. As maiores apreensões sofridas na Lituânia foram realizadas nessas três instituições durante os anos de 1942 e 1943 (RAVEN, 2004).

A biblioteca mais antiga de Vilna era a Strashun, formada por um líder da comunidade, e estudioso do Talmude por volta do século XIX. Pelo ano de 1930, a biblioteca já possuía 35.000 volumes, variando entre incunábulos Hebraicos e periódicos ídiche, atendendo a um número variado de usuários (RAVEN, 2004).

Relativamente nova, mas uma das maiores Bibliotecas Judaicas de Vilna, a Biblioteca de YIVO do Instituto Yiddisher Visenshaftlekher foi fundada em 1925 como um importante centro acadêmico voltado para a literatura e língua ídiche para estudantes judeus do leste europeu. Tinha cerca de 40.000 livros e 10.000 jornais, tornando-a mais rica de todas as coleções judaicas do seu tipo (RAVEN, 2004).

A terceira maior das Bibliotecas era a de Mefitse Haskala pertencente à Association to Spread Enlightenment. Fundada em 1911 e pertencente a uma comunidade judaica, em 1939 a biblioteca era composta por 45 mil volumes de

literatura popular, predominantemente ídiche, russa, polonesa e hebraica, e tinha cerca de 2 mil usuários (RAVEN, 2004).

Diante da riqueza dessas bibliotecas, o ERR não perdeu tempo

Dr. Herbet Gotthard, professor e bibliotecário em Berlim que fazia parte do Einsatzstab, logo apareceu em Vilna e requisitou a dois estudantes que a Gestapo tinha prendido, para que preparassem listas dos incunábulos e manuscritos da Biblioteca de Strashun. Na primeira semana de setembro, logo após o estabelecimento do gueto, os Alemães entraram na Biblioteca de Mefitse Haskala, atiraram no bibliotecário e removeram o catálogo, bem como cerca de 1.500 volumes (RAVEN, 2004, p. 224, tradução nossa<sup>39</sup>).

Era de maneira extremamente violenta que os oficiais nazistas entravam nas bibliotecas da Lituânia. Aqui eles também utilizavam da mão de obra dos próprios cidadãos presos para o recolhimento e transporte dos livros das bibliotecas para os caminhões que iriam levá-los para Alemanha.

Na Biblioteca de Strashun, o curador e neto do fundador preferiu cometer suicídio a ter que colaborar na elaboração do inventário da coleção que estava apreendida pelos nazistas. Os parâmetros para o inventário eram bem simples, mas requeriam certo conhecimento acerca do assunto: Todos os livros em Hebraico publicados depois de 1800 poderiam ser enviados para a fábrica de papel para serem queimados/reciclados, com exceção daqueles que falavam sobre a história e a natureza do judaísmo (POLASTRON, 2007).

Os presos que eram forçados a trabalhar na Brigada do Papel (nome dado ao grupo que trabalhava na seleção de livros) eram escolhidos com algum cuidado. Os nazistas escolhiam autores, acadêmicos e artistas para trabalharem no auxílio da seleção de materiais. Rachel Pupko-Krinsky, uma professora do ginásio, descreveu a sua “entrevista” para trabalhar na Brigada do Papel, feita por um oficial nazista: “Ele olhava para nós da cabeça aos pés e nos questionava sobre nossa educação, nossas experiências e ocupações, bem como se fôssemos candidatos para uma entrevista de emprego” (RAVEN, 2004, p. 226, tradução nossa<sup>40</sup>).

<sup>39</sup> Dr Herbert Gotthard, a professor and librarian from Berlin attached to the Einsatzstab, soon appeared in Vilna and demanded that two scholars whom the Gestapo had imprisoned prepare lists of the incunabula and manuscripts in the Strashun Library. In the first week of September, just before establishment of the ghetto, Germans entered the Mefitse Haskala Library, shot the librarian, and removed the catalogue as well as some 1,500 volumes.

<sup>40</sup> “He looked us over from head to toe, and questioned us about our education, background and occupation, just as if we were candidates for constructive research jobs.”

Em 1942, um dos presos que trabalhava na Brigada do Papel era Herman Kruk, antigo bibliotecário em Varsóvia que fugiu para Vilna durante a invasão nazista. Zelig Kalmanovitch era o ex-administrador da Biblioteca de YIVO e Chaikl Lunski ex-diretor da Strashun (RAVEN, 2004). Kurk mantinha um diário no qual escrevia acerca de sua rotina durante a invasão alemã. No seu diário ele conta

Eles queriam transferir a biblioteca Strashun para o prédio da universidade. Eu deveria supervisionar o trabalho; Kalmanovitch é meu adjunto; Lunski é o especialista. Doze trabalhadores devem mover os livros. Os aposentos do antigo seminário Marxista-Leninista estão a nossa disposição. Chaikl está consternado. Ele deve ajudar a remover os tesouros de “sua” Biblioteca Strashun que ele ajudou a proteger por 45 anos!...Kalmanovitch e eu também nos sentimos pouco à vontade sobre o assunto e eu não sei se somos coveiros ou salvadores. Se nós tivermos sucesso em manter bens culturais em Vilna, então nós teremos prestado algum serviço, mas se eles removerem a biblioteca, então nós teremos que contribuir com isso. Vou tentar me preparar para as duas possibilidades...(RAVEN, 2004, p. 226, tradução nossa<sup>41</sup>).

O prédio da Academia Lituana de Ciências era para onde os alemães estavam levando os livros citados acima. Eles reuniam todos os livros saqueados de Vilna nesse local até que precisaram abandonar o plano de mover também os saques da biblioteca de YIVO para lá após descobrirem que o chão não iria suportar o peso de mais livros.

Em outra entrada do diário de Kurk (5 de junho) ele diz:

Têm alemães trabalhando em YIVO que estão realizando a última inspeção dos livros e decidindo quais eles podem usar (ou seja, aqueles que serão levados!). 70% do restante das posses de YIVO bem como os livros ali reunidos por toda a cidade estão sendo separados como resíduos de papel...Os trabalhadores judeus que precisam realizar essa tarefa estão em lágrimas...é de cortar o coração assistir a isso juntos (RAVEN, 2004, p. 226, tradução nossa<sup>42</sup>).

---

<sup>41</sup> They want to transfer the Strashun Library into the university building. I am supposed to supervise the work; Kalmanovitch is my deputy; Lunski the specialist. Twelve workers are planned for moving the books. The rooms of the former Marxist-Leninist seminar are at our disposal. Chaikl is distraught. He is supposed to help remove the treasures from ‘his’ Strashun Library that he has protected for 45 years! . . . Kalmanovitch and I also feel ill at ease about the matter and don’t know if we are grave diggers or rescuers. If we should succeed in keeping cultural assets in Vilna, then we would have rendered some service, but if they remove the library, then we will have contributed to it. I try to prepare for both possibilities. . . .

<sup>42</sup> There are Germans at work in YIVO who are undertaking the last inspection of the books and deciding which they can use (that is, transport away!). 70% of the remaining YIVO holdings as well as the books gathered there from throughout the whole city are being separated out as waste paper. . . The Jewish workers who must carry out this task are in tears... It is heart-rending to watch it together



No entanto, alguns integrantes da Brigada do Papel não se resignaram com o fato de que os nazistas destruiriam seu patrimônio cultural. Era doloroso para eles verem seu patrimônio sendo tratado dessa forma, sendo eliminado como se não tivesse valor. Logo, tomaram providências perigosas para sua situação, pois se fossem descobertos poderiam arcar com consequências graves. Eles, mesmo correndo grande perigo, começaram escondendo manuscritos e documentos que pudessem manusear e esconder mais facilmente nas vestes. Segundo Raven (2004), Rachel Pupko-Krinsky lembrou-se como ela e outros classificadores

[...] iriam cada um esconder um livro em algum canto secreto e esperar os alemães irem; pelo que sabíamos, esses poderiam ser os últimos livros que nós íamos ler. Os livros também estavam em grande perigo; nós éramos seus últimos leitores. Muitos tinham sido vendidos pelos alemães como resíduos para as fábricas de papel (RAVEN, 2004, p. 226, tradução nossa<sup>43</sup>).

O poeta ídiche Abraham Sutzkever que também trabalhava na Brigada do Papel relatou em 1944 que:

No um ano e meio na minha atividade com o Stab Rosenberg, nosso grupo teve sucesso no resgate de muitos tesouros culturais, selando-os em paredes, enterrando-os em porões e buracos. Nós estávamos certos de que não muito longe estava o dia em que as pessoas livres iriam cavá-los para fora e usá-los para o interesse do povo e de toda humanidade. Nós escondíamos os manuscritos e livros mais valiosos sob nossas roupas e os levávamos conosco para o gueto (RAVEN, 2004, p. 227<sup>44</sup>).

Por causa desses atos, a Brigada de Papel conseguiu esconder cerca de 5 mil dos mais valiosos livros numa espécie de estoque sob o edifício da YIVO. Quando os nazistas trouxeram até a brigada dezenas de caixas de material do Museu Smolensk em maio de 1943, eles conseguiram esconder três caixas de valiosos manuscritos russos, livros e fotos e os dividiram em diversas localizações escondidas pelo gueto. Tudo isso era feito na esperança de conseguirem resguardar o máximo sem levantar suspeitas (RAVEN, 2004).

---

<sup>43</sup> [...] would each hide a book in some secret nook and wait for the Germans to leave; for all we knew, these might be the last books we would ever read. The books too were in great danger: we were their last readers. Many had been sold by the Germans, as scrap, to paper mills.

<sup>44</sup> In the one and a half years of my activity with the Stab Rosenberg our group succeeded in rescuing many cultural treasures, sealing them into walls, burying them in cellars and caves. We were certain that the day is no longer far off when free people will dig them out again and use them in the interest of the people and of all humanity. We hid the most valuable manuscripts and books under our clothing and took them with us into the ghetto.

Ainda nos últimos dias do gueto, a brigada de papel continuou seu trabalho. Uma das últimas entradas do diário de Kalmanovitch é do dia 26 de agosto:

Durante toda a semana eu selecionei livros; vários milhares eu joguei com minhas próprias mãos na pilha de lixo. Uma pilha de livros está espalhada pelo chão da sala de leitura de YIVO - um cemitério de livros, a cova de um irmão, livros que foram atingidos pela guerra de Gog e Magog, bem como seus donos... e se a salvação se apressar a vir, talvez consigamos salvar alguns remanescentes da pilha. Gostaria que fosse assim! (RAVEN, 2004, p. 228, tradução nossa<sup>45</sup>).

Um relatório alemão da Biblioteca do Instituto de Exploração da Questão Judaica, em abril de 1943 diz que cerca de 50.000 livros estavam localizados em Vilna esperando o transporte para Frankfurt. Em 21 de Junho de 1943, Heinrich Himmler colocou em ação o fim dos guetos estabelecidos em Vilna e no restante da Europa oriental. Por volta de setembro o restante dos judeus que não tinha fugido, havia sido transferido para campos de concentração.

---

<sup>45</sup> All week long I selected books; several thousands I cast with my own hands on the rubbish pile. A pile of books is scattered on the floor of the reading room of the YIVO – a cemetery of books, a brothers' grave, books that were hit by the war of Gog and Magog just like their owners. . . . And if salvation will hasten to come, perhaps we may be able to save a remnant from the pile. Would that it were so!

**Figura 7**– ERR avaliando livros na Letônia.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum

**Figura 8**– Transporte dos arquivos de Smolensk. Vilna, abril de 1943.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum

**Figura 9**– Trabalho do ERR em YIVO na seleção se livros. Vilna. Abril de 1943



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum

#### 5.4 UNIÃO SOVIÉTICA

Em junho de 1941, a Alemanha, em execução da Operação “Barbarossa” invadiu a União Soviética na maior operação militar da Segunda Guerra Mundial. A intenção de Hitler era travar uma “guerra de aniquilação” contra os estados comunistas e judeus da União Soviética, que era vista, de certa forma, como o conjunto de seus inimigos de base ideológica e racial. Depois de eliminar com todo comunista e judeu, a intenção era estabelecer o domínio alemão nesses territórios (INVASÃO...).

Ao invadir o território, a ERR foi instruída a recolher manuscritos, arquivos e livros imediatamente conforme fossem avançando pelas cidades soviéticas que constavam na rota de invasão (KNUTH, 2003). Alguns atos de vandalismo por parte do exército alemão podem ser exemplificados na ocupação de Yasnaya Polyana, no museu de propriedade da Rússia, onde Leon Tolstói nasceu e viveu. Os soldados ocuparam por cerca de seis semanas e destruíram todos os livros, manuscritos e até mesmo os resquícios do corpo do autor (os quais jaziam no museu, e foram cavados para fora da terra). Essa profanação foi infligida também nas casas de Pushkin,

Chekhov, e também de outros músicos russos (POLASTRON, 2007). Outro exemplo do desdém e da ira dos alemães quanto à cultura russa, é explicitada em Polastron (2007)

Quando um funcionário do museu de Tolstoi sugeriu ir em busca de toras de madeira para a lareira, de modo que fossem poupados alguns livros, um oficial chamado Schwartz respondeu: “nós não precisamos de madeira para o fogo; nós vamos queimar tudo aquilo que for conectado ao nome do seu Tolstoi” (POLASTRON, 2007, p. 187, tradução nossa<sup>46</sup>).

No entanto, parecia que os alemães sabiam reconhecer algum valor nos livros de seus inimigos soviéticos. Não era de maneira imediata que eles se desfaziam de seus livros. Frequentemente, eles enviavam aos seus líderes àqueles que pareciam ter um valor comercial. De acordo com Polastron (2007)

Em Zarskoje Selo no Palácio do Imperador Alexander, uma grande biblioteca contendo seis mil a sete mil volumes em francês e mais de cinco mil livros e manuscritos em russo foram removidos... Nós colhemos uma rica colheita na biblioteca da Academia de Ciência Ucrâniana, obtendo raros manuscritos dos Persas, Abissínios e literatura chinesa. Crônicas Russas e Ucrânianas; a primeira edição impressa pelo primeiro impressor russo, Ivan Fjodorov.... Em Kharvok, vários livros valiosos em edições de luxo foram detidos da Biblioteca Korolenko e enviados a Berlim. O restante dos livros foi destruído (POLASTRON, 2007, p. 187, tradução nossa<sup>47</sup>).

Como mostra a citação acima, fora os documentos que pareciam ter algum valor comercial, os nazistas mostravam extremo desprezo com os livros pertencentes aos seus inimigos. De acordo com Polastron (2007, p. 186-187, tradução nossa<sup>48</sup>) “Os soldados pavimentavam a rua principal que estava lamacenta com diversas camadas de enciclopédias para facilitar a passagem dos veículos militares”. Os comunistas e qualquer conhecimento por eles produzido, ou até

<sup>46</sup> When an employee of the Tolstoy Museum suggested finding logs for the fireplace in order to spare some books, an officer named Schwartz answered: "We don't need a wood fire; we are going to burn anything connected with the name of your Tolstoy."

<sup>47</sup> At Zarskoje Selo [in] Emperor Alexander's palace ... a large library containing six thousand to seven thousand volumes in French and more than five thousand books and manuscripts in Russian were removed... We reaped a rich harvest in the library of the Ukrainian Academy of Science, treasuring rare manuscripts of Persian, Abyssinian, and Chinese literature; Russian and Ukrainian chronicles; the first-edition books printed by the first Russian printer, Ivan Fjodorov... In Kharkov, several thousand valuable books in deluxe editions were seized from the Korolenko Library and sent to Berlin. The remaining books were destroyed.

<sup>48</sup> Soldiers paved the muddy main street with several layers of encyclopedias to facilitate the passing of military vehicles.

mesmo escrito em sua língua, era lixo para os alemães. Conforme o avanço da Alemanha no território Soviético foi acontecendo, Stalin decidiu dar a seguinte ordem aos cidadãos que recuavam para dentro do país: Tudo aquilo que não pudesse ser levado consigo, deveria ser destruído. A idéia era não deixar nada para trás, fossem alimentos, roupas, ou até mesmo, seus patrimônios (POLASTRON, 2007). Dessa maneira, os alemães não iam encontrar nada para se alimentar, ou lugares para se refugiar e ou seus pertences para terem o prazer de destruir. Só restaria, para o desespero nazista, a terra plana, vazia e extremamente fria.

A escala de perdas na União Soviética foi colossal. Pesquisas estimam que entre 100 e 200 milhões de livros foram destruídos através de ataques militares e ideológicos e o próprio comando de Stalin. Em Smolensk foram 646 mil livros queimados. Em Kiev 4 milhões (FISHBURN, 2008).

**Figura 10** – Uma coleção de livros em uma sinagoga em Minsk. Maio de 1943.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum

## 5.5 DEPOIS DA GUERRA

O plano para a germanificação das bibliotecas fora da Alemanha foi bastante ambicioso. Esse modelo de biblioteca, que foi cultivado dentro da Alemanha com sucesso, tentou ser imposto em todos os territórios invadidos da Europa oriental e ocidental, sendo essa imposição feita através da violência ou de maneira mais branda (como foi o caso de Paris, Amsterdã, Grécia...). Todo o programa contou com restrições de materiais e posteriores destruições. Nessa tentativa nazista de eliminar tudo aquilo que lhes era contrário, a perda foi irreparável (KNUTH, 2003).

Já no que tange os saques de livros, a intenção de Rosenberg com o ERR era a de coletar os melhores e mais valiosos materiais para a Biblioteca do Instituto de Exploração da Questão Judaica. No entanto, a Biblioteca em si não conseguiu ter toda a glória que lhe foi planejada. A verdade é que com o excesso de materiais chegando ao longo do tempo, tornava-se muito trabalhoso para a equipe conseguir deixar ordenado e organizado. No relatório anual de Wilhelm Grau relativo ao ano de 1941, diz que 2.136 caixas de livros chegaram dos territórios ocupados das quais apenas 794 caixas tinham sido abertas e colocadas nas prateleiras, e desses livros, apenas 25 mil tinham sido de fato catalogados. O número de livros obtidos através dos confiscos pelo ERR e o número de livros que realmente estavam disponíveis para o uso era muito discrepante (RAVEN, 2004).

No fim das contas, a biblioteca não conseguiu atingir os objetivos. Mal catalogada e nunca instalada apropriadamente, logo ao final da Segunda Guerra, acabou sofrendo com os bombardeios e passando por pilhagens (RAVEN, 2004).

Quando o *Office of the Military Government of the United States* (OMGUS) chegou em Frankfurt, três milhões de livros roubados pelos nazistas foram reunidos em Offenbach. O Capitão Seymour J. Pomrenze e sua equipe começaram a trabalhar nas restituições desses livros. No final de 1946, eles haviam conseguido encontrar os donos de dois-terços dos livros. A maioria dos que sobraram, pertenciam às bibliotecas. Por conveniência ou não, acreditava-se que essas bibliotecas não iriam pedir de volta os livros roubados pelo ERR, o que fez com que as delegações americanas comesçassem a criar interesse. Um dos que estavam interessados nos livros, Professor James Michael disse o seguinte “A Europa não é mais o centro da cultura e espírito judaico e é bem pouco possível que um dia volte

a ser” (POLASTRON, 2007, p. 196, tradução nossa<sup>49</sup>). A Fundação Americana de Restauração Judaica teve um pouco mais de cautela: “Toda vez nós tropeçamos em um proprietário de no mínimo seis livros” escreveu a secretário geral Hannah Arendt. “Nós faremos todo o possível para encontrá-los” (POLASTRON, 2007, p. 196, tradução nossa<sup>50</sup>). No entanto, 150 mil cujos donos não foram encontrados, foram enviados e distribuídos entre as bibliotecas americanas. A Biblioteca do Congresso foi a mais beneficiada, tendo eles enviado alguém específico para essa missão logo no início de 1946 (POLASTRON, 2007).

A ideologia do nazismo de Hitler traumatizou a Europa, principalmente no que tange ao preconceito contra os judeus. Por causa dele parte de um continente sofreu uma barbárie sem tamanho, onde sua memória, sua história, seu patrimônio foram desrespeitados, desvalorizados e destruídos pelas mãos de um ditador que pregava um totalitarismo baseado na idéia frívola de superioridade cultural. O desfecho dessa história não poderia ser outro: guerra, mortes, e perdas irrecuperáveis.

---

<sup>49</sup> "Europe is no longer a center of Jewish culture and spirituality and there is little likelihood it will become one again someday."

<sup>50</sup> "Every time we stumble across an owner of at least six books," wrote its general secretary, Hannah Arendt, "we will do everything possible to find him or his heirs."



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho se propôs a estudar, através de pesquisa bibliográfica, a destruição de livros judaicos pelos nazistas durante o Terceiro *Reich*. Os objetivos do trabalho foram elaborados com o propósito de entender os fatores que levaram ao bibliocausto nazista e eles foram atingidos ao longo do desenvolvimento.

Entender, primeiramente, sobre o judaísmo e sobre seu povo foi importante para construir a base do trabalho. Conhecer sua história bem do início, ver a maneira como foram vistos e tratados pelos cristãos e como isso influenciou suas vidas no âmbito econômico e social por séculos, foi importante para responder a questão do motivo de serem os judeus tão odiados. A resposta vem após o estudo, onde se vê claramente que absolutamente toda a hostilidade para com eles vem do estigma que eles carregam por serem “diferentes”, por serem aqueles que não aceitaram Cristo em uma época em que a Igreja Cristã regia a vida na Europa.

O preconceito contra os judeus, esse antissemitismo, vem da Idade Média e resistiu e persistiu durante muitos séculos, abrandando em alguns momentos e reascendendo em outros, onde quer que esse povo estivesse. Com Hitler, isso tomou proporções enormes, pois ele estrategicamente usou desse sentimento para unir a nação, criando a ilusão de um inimigo em comum, que foi tão bem construída e disseminada que acabou sendo internalizada e reproduzida pelos alemães. A partir disso, houve a catástrofe que já conhecemos, e ela teve de acontecer para o mundo parar e pensar sobre o quão irracional pode ser um preconceito e aonde ele pode levar caso seja alimentado.

A situação política da Alemanha após a Primeira Guerra foi um importante fato a ser colocado no trabalho, porque ele também dá uma base para entender como surgiu Hitler e como uma nação inteira comprou seu discurso. Obviamente, a economia de um país após uma guerra não é muito favorável, muito menos ainda se ele for derrotado. No caso da Alemanha, além de tudo isso, ele sofreu severas imposições através do Tratado de Versalhes. A responsabilidade de assinar tal documento e submeter o país às obrigações do Tratado recaiu sobre o novo Governo que havia recém-iniciado um novo regime político.

A democracia recém-nascida na Alemanha, começou sua vida com vários problemas. Sua vida foi curta devido à enorme crise econômica na qual a Alemanha afundava. A crise foi forte o suficiente para abalar as estruturas de coisas já há muito

consolidadas, como as classes sociais. Com a inflação fora de controle, as classes favorecidas começaram a perder seus privilégios e passaram a ser tão vulneráveis quanto as classes mais baixas. Todos sofriam com a situação. Insatisfeitos, desacreditados, acabaram confiando em Hitler, que estrategicamente uniu todos contra o “inimigo” em comum, os judeus, enquanto restaurava, através dos seus discursos, a autoestima alemã. Foram então, diversos fatores que contribuíram para a vinda e estabelecimento do nazismo.

O Partido Nazista logo aproveitou a situação, investiu em comícios, trabalhou em cima dos seus discursos focando bastante na idéia nacionalista e de que a “raça alemã” era superior e que a atual democracia não funcionava para o país, responsabilizando-a por tamanha crise. A criação da lenda da traição judaica contribuiu para a união do povo e criou a ilusão de que se confiassem na política punho firme de Hitler, esse inimigo seria derrotado e a Alemanha se restabeleceria.

Com o partido nazista no poder, o antissemitismo foi estimulado fortemente pelo governo. A televisão, o rádio, a imprensa, os livros, os filmes, eram meios de comunicação e informação que disseminavam o ódio aos judeus. O objetivo foi alcançado, pois o povo alemão em sua maioria tornou-se extremamente hostil com os judeus, que quando identificados na rua, sofriam assédios e abusos de civis e militares. Porém, antes de evoluírem para o ódio direcionado às pessoas, veio primeiro o ódio a sua cultura.

As queimas de livros que ocorreram no ano de 1933 por toda a Alemanha, foram um reflexo da própria população – em sua maioria, estudantes - que convencidos pelos discursos antissemitas de Hitler, acreditavam estar restabelecendo a pureza da cultura germânica, levando ao fogo tudo aquilo que fosse inapropriado, degradante para a visão mítica e ilusória de povo alemão. Joseph Goebbels, como Ministro da Propaganda, logo se envolveu nesses atos e no fatídico dia de 10 de maio de 1933, aproveitou para realizar um discurso naquela que foi considerada a maior e mais simbólica queima realizada na Alemanha.

Enaltecer o espírito nacionalista através das queimas era a intenção de quem as organizava e esse sentimento fez parte do discurso de Goebbels naquele dia, no qual aprovava as queimas de livros e afirmava crente “a era do intelectualismo judeu chegou ao fim”. Era essa a intenção, afinal de contas, destruir seus livros era um presságio, um aviso para os judeus de que a intolerância agora deixava de ser discurso e passava a ser ação.

Com a instauração do ERR anos depois, esses atos de intolerância passaram da Alemanha para acontecer também nos territórios ocupados. Nesses casos houve o crime duplo, pois além de destruição, os países sofriam saques em suas instituições culturais. Seus bens não mais lhe pertenciam, estavam à mercê dos oficiais nazistas, que de um jeito ou de outro, lhes tirava tudo aquilo que lhe era importante historicamente e culturalmente.

No geral, podemos ver que toda a censura à produção artística, cultural e científica da Alemanha sinaliza bem o início da implementação do regime fascista. A democracia e todos os ideais que a cercam são muito frágeis e andam constantemente no perigo de serem dissolvidos, principalmente em momentos de crise, como aconteceu na Alemanha de 1933 e em vários outros países durante a história da humanidade.

A destruição do patrimônio é uma espécie de tática de guerra utilizada há séculos por muitos povos, pois ela esmorece o oponente. Nossa história, nossa cultura são a ligação mais forte que temos com a realidade, e o patrimônio é, de certa forma, uma expressão eterna de um povo mundo. Quando ele é atacado nos tornamos vulneráveis, pois algo que nos representa foi atingido. O patrimônio é uma forma de tradução e eternização de nós mesmos, é um lembrete das raízes que carregamos durante a vida, é a representação de nós mesmo para o outro, é a nossa memória de forma concreta. Por isso, destruir o patrimônio se iguala a destruir um povo.

Nós, os bibliotecários, somos responsáveis por salvaguardar a memória esteja ela no suporte e no formato que for. Mais do que isso, também somos responsáveis por utilizar todo nosso conhecimento para torná-la acessível a um maior número de pessoas e por preservá-la pelo maior tempo possível. Somos responsáveis por conectar as pessoas ao seu passado, à sua cultura, o que é imprescindível para a construção do sentimento de pertença e do respeito pela história – a nossa e a do outro. Portanto, devemos sempre ficar atentos e nos posicionarmos de maneira que os ideais democráticos nos quais se baseiam a nossa profissão sejam sempre mantidos com integridade.

## REFERÊNCIAS

ALGAZI, Isaac S. Síntese da história Judaica: 2ª parte. In: **Breve história do povo judeu**. Coleção Judaísmo. Rio de Janeiro: Edições Biblios Ltda, 1962. Disponível em: <<http://tryte.com.br/colecaojudaismo/livro2/sintese2.htm>> Acesso em: 10 set. 2015

ANTISEMITISM. In: JEWISH virtual library. American-Israeli Cooperative Enterprise, c2016. Disponível em: <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/glossA.html>> Acesso em: 21 mar. 2016.

ANTI-SEMITISMO. In: UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Washington, DC. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005175> Acesso em: 30 mar. 2016

A PROPAGANDA política nazista. In: UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Washington, DC. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005202>> Acesso em: 5 mai. 2016

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antisemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, idéias malditas**: o DEOPS e as minorias silenciadas. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, PROIN - Projeto Integrado Arquivo do Estado/USP; Fapesp 2002.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. A era nazi e o anti-semitismo. In: PINSKY, Jaime ; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Faces do fanatismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

CENSURA. In: ENCICLOPÉDIA ilustrada do conhecimento essencial. Rio de Janeiro: Readers Digest, 1998.

COSTA, Lúcia de Fátima Vieira da ; GERMANO, José Willington. Conhecimento proibido: a interdição da leitura em regimes políticos. **Revista Inter-legere**, Rio Grande do Norte, n. 11, p. 147-158, jul./dez. 2012.

COX, Maria Inês Pagliarini. A noção de etnocídio: para pensar a questão do silenciamento das línguas indígenas no Brasil. **Polifonia**, Cuiabá, V. 12, n. 1, p. 66-81, 2006.

EVANS, Richard J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

FISHBURN, Matthew. **Burning books**. London: Palgrave Macmillan, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOVERNO e controle nazista. In: UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Washington, DC. Disponível em: <  
<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007669>> Acesso em: 15 abr. 2016

HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

INVASÃO da União Soviética: Junho de 1941. In: UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Washington, DC. Disponível em: <  
<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005164>> Acesso em: 27 mai. 2016

KERTZER, Morris. O que é um judeu?. In: **O que é um judeu**. Coleção Judaísmo. Rio de Janeiro: Edições Biblios Ltda, 1962. Disponível em: <  
<http://tryte.com.br/colecaojudaismo/livro1/l1cap02.php>> Acesso em: 21 set. 2015

KNUTH, Rebecca. **Libricide: the regime-sponsored destruction of books and libraries in the twentieth century**. Wesport: Praeger Publishers, 2003.

KNUTH, Rebecca. **Burning books and leveling libraries:** extremist violence and cultural destruction. Wesport: Praeger Publishers, 2006.

LEGISLAÇÃO anti-semita na Alemanha antes da guerra. In: UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Washington, DC. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005681>> Acesso em: 17 abr. 2016

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MODERN Jewish History: pogroms. In: JEWISH virtual library. American-Israeli Cooperative Enterprise, c2016. Disponível em: <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/History/pogroms.html>> Acesso em: 20 mai. 2016.

O QUE é genocídio? In: UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Washington, DC. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007043>> Acesso em: 28 mar. 2016

O TERCEIRO Reich: visão geral. In: UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Washington, DC. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005141>> Acesso em: 15 abr. 2016

POLASTRON, Lucien X. **Books on fire:** the destruction of libraries throughout History. Rochester: Inner Traditions, 2007.

QUEIMA de livros. In: UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Washington, DC. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005852>> Acesso em: 1 mai. 2016

QUEIMA de livros durante discurso de Goebbels. In: UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Washington, DC. Disponível em: <[https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media\\_fi.php?ModuleId=10005141&MediaId=154](https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media_fi.php?ModuleId=10005141&MediaId=154)> Acesso em: 2 mai. 2016

RAVEN, James. **Lost Libraries:** the destruction of great book collections since antiquity. London: Palgrave Macmillan, 2004.

RICH, Tracey R. What is judaism?. In: **Judaism 101**, c 2011. Disponível em: <<http://www.jewfaq.org/judaism.htm>> Acesso em: 21 set. 2015.

RODEE, Carlton Clymer; ANDERSON, Totton James; CHRISTOL, Carl Quimby. **Introdução à ciência política**. T. II. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

SCLIAR, Moacyr. **A condição judaica**: das tábuas da lei à mesa da cozinha. Porto Alegre: L&PM, 1985.

SHIRER, William L. **The rise and fall of the Third Reich**: a history of Nazi Germany. New York: RosettaBooks, 2011.

SILVEIRA, Denise Tolfo ; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel ; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SOUSA, Rainer Gonçalves. Economia Feudal; In: **Brasil Escola**. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/historiag/economia-feudal.htm>>. Acesso em 12 de novembro de 2015.

TSUR, Jacob. **A epopéia do sionismo**. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1977.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Historical photographs. In: \_\_\_\_\_. **Cultural Looting**: The seizure of archives and libraries by Einsatzstab Reichleiter Rosenberg 1940–1945. Washington. DC. 18 fotografias. Disponível em: < <https://www.ushmm.org/information/exhibitions/online-features/special-focus/offenbach-archival-depot/einsatzstab-reichsleiter-rosenberg-a-policy-of-plunder>> Acesso em 5 mai 2016.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Photograph #: 01622**. Berlim. 1933. 1 fotografia. Disponível em: < <http://collections.ushmm.org/search/catalog/pa26364> > Acesso em: 3. mai. 2016

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Photograph #: 01628**. Berlim. 1933. 1 fotografia. Disponível em: < <http://collections.ushmm.org/search/catalog/pa26351>> Acesso em: 3 mai 2016

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Photograph #: 31077**. Berlim. 1933. 1 fotografia. Disponível em: < <http://collections.ushmm.org/search/catalog/pa4530>> Acesso em 3 mai. 2016

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Photograph #:**  
**45032.** Berlim. 1933. 1 fotografia. Disponível em:  
<http://collections.ushmm.org/search/catalog/pa4499> Acesso em: 3 mai. 2016

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Photograph #: 85339B.**  
Berlim. 1933. 1 fotografia. Disponível em:  
<http://collections.ushmm.org/search/catalog/pa14119> Acesso em: 3 mai. 2016